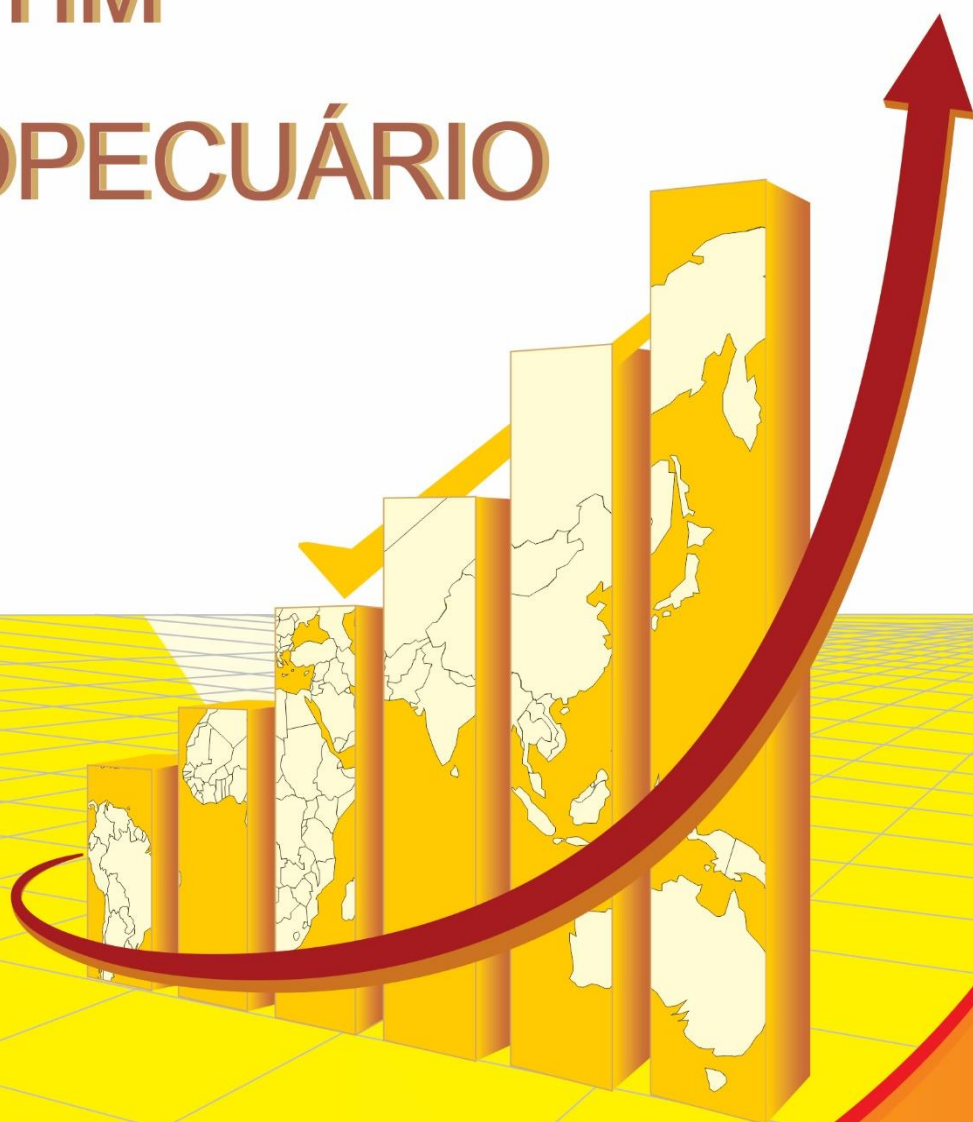


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Daniela Cristina Reinehr

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 337

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl

Haroldo Tavares Elias

João Rogério Alves

Jurandi Teodoro Gugel

Rogério Goulart Junior

Tabajara Marcondes



Florianópolis
2021

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Antonio M. Feliciano/Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luiz Carlos Mior

Colaboração:

Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Saturnino Claudino dos Santos
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: abril de 2021 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Abril/2021. Florianópolis, 2021, 53p. (Epagri. Documentos, 337).
Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.
Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura.....	7
Maçã	7
Grãos.....	10
Arroz.....	10
Feijão.....	12
Milho	15
Soja	20
Trigo	25
Hortaliças	28
Alho	28
Cebola	32
Pecuária.....	36
Avicultura.....	36
Bovinocultura	41
Suinocultura	45
Leite	51

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Mais um ciclo na cultura da maçã se aproxima do fim, contudo, a área de comercialização se mantém ativa, destacando mais uma vez o produto catarinense no cenário nacional e internacional.

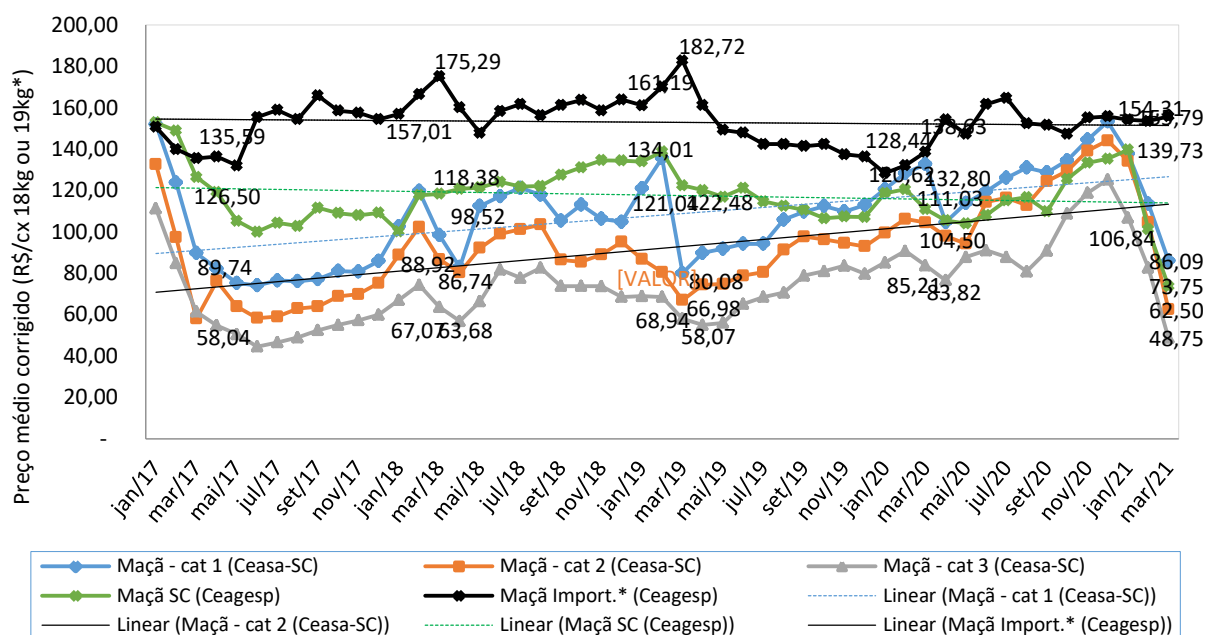


Figura 1. Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado

(*) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

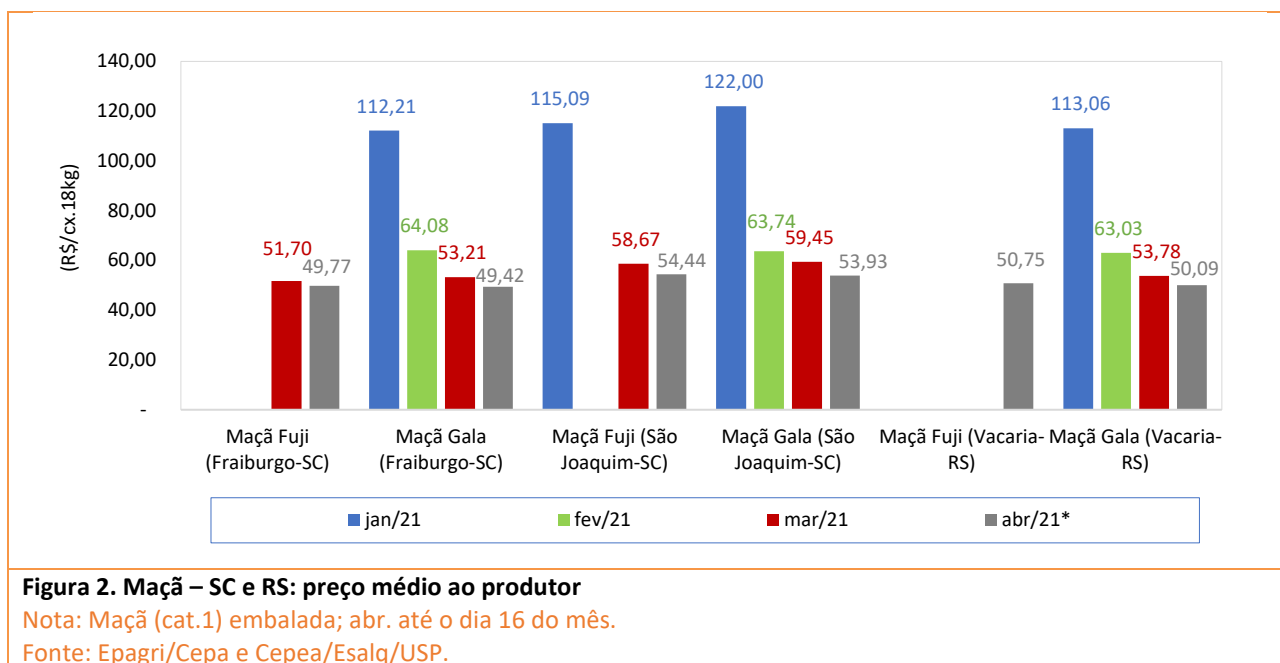
Nota: preço corrigido pelo IGP-DI (mar/21=100)

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Na Ceasa/SC, entre fevereiro e março houve nova desvalorização nos preços da maçã categoria 1 de 24,2%, pois, já havia desvalorizado 17,5% entre janeiro e fevereiro de 2021. As categorias 2 e 3 desvalorizaram cerca de 40% de fevereiro a março. No mercado a oferta da fruta está elevada com pressão para desvalorização nos preços médios. Em março, os preços das categorias 2 e 3 representaram 73% e 57% do valor da fruta categoria 1. No comparativo com os anos anteriores, a cotação de março está desvalorizada 35,2% para categoria 1, 40,2% para categoria 2 e 41,8% para categoria 3. Desde 2017 os preços não estavam tão desvalorizados no mercado. O aumento da oferta da fruta com os estoques colhidos de Gala e a intensificação da colheita da maçã Fuji nos próximos meses reduziu a margem de negociação no mercado interno. A expectativa é a manutenção das cotações reduzidas até escoar parte das frutas em colheita, e a estratégia pode ser o escalonamento de variedades, venda direcionada para mercados atacadistas e varejistas locais.

Na Ceagesp, entre fevereiro e março o preço da maçã catarinense foi desvalorizado em 27,1%, com a expectativa de entrada da maçã Fuji no mercado atacadista e aumento da oferta. Em relação ao ano anterior, a maçã de origem catarinense está com desvalorização de 33,6%. Com restrições sanitárias nos entrepostos e demanda retraída no atacado houve redução na comercialização no período. Já as maçãs

importadas estão valorizadas 1,4% com relação ao ano anterior. A estratégia é diversificar a comercialização das frutas para atender as demandas de pequena escala de mercados locais e exportação de frutas e sucos.



Na região de Fraiburgo já estão encerradas as colheitas das maçãs Gala e Fuji com frutas de qualidade superior as da safra passada, mas, com calibre pouco menor que o esperado nos pomares. A oferta nas classificadoras da região está alta com desvalorização nas cotações para comercialização das frutas com menor pressão de polpa que têm tempo reduzido para armazenamento. Com produção maior que a da safra anterior há dificuldades na distribuição da produção com redução na demanda relacionada aos mercados institucionais e atacadistas nos grandes centros consumidores.

Em São Joaquim, a colheita da maçã Gala está sendo finalizada e os esforços se concentram na maçã Fuji com 65% da produção já colhida na região. Nos pomares, 80% das frutas não colhidas ainda estão em estágio de maturação e a ocorrência de granizo pode ter afetado até 10% dessas frutas. No início de março houve colheita da maçã Fuji sem estágio completo de maturação o que afetou as cotações aos produtores, além da maior oferta da Gala com o final da colheita na maioria dos pomares. Mas, as frutas estão com calibre, coloração e crocância acima dos padrões das últimas safras, o que determina uma expectativa de valorização nos preços no segundo semestre de 2021. Nas classificadoras a estratégia é escoar a produção via exportações para liberar bins e espaços de acondicionamento das frutas de melhor qualidade em atmosfera controlada.

Na região de Vacaria (RS), com as colheitas encerradas a maior movimentação é para classificação, distribuição, comercialização das frutas de grandes empresas produtoras para o mercado externo, aproveitando a taxa de câmbio favorável e para o processamento de sucos e doces com aproveitamento de parte das frutas cat.3 e a granel (indústria) com cotações reduzidas.

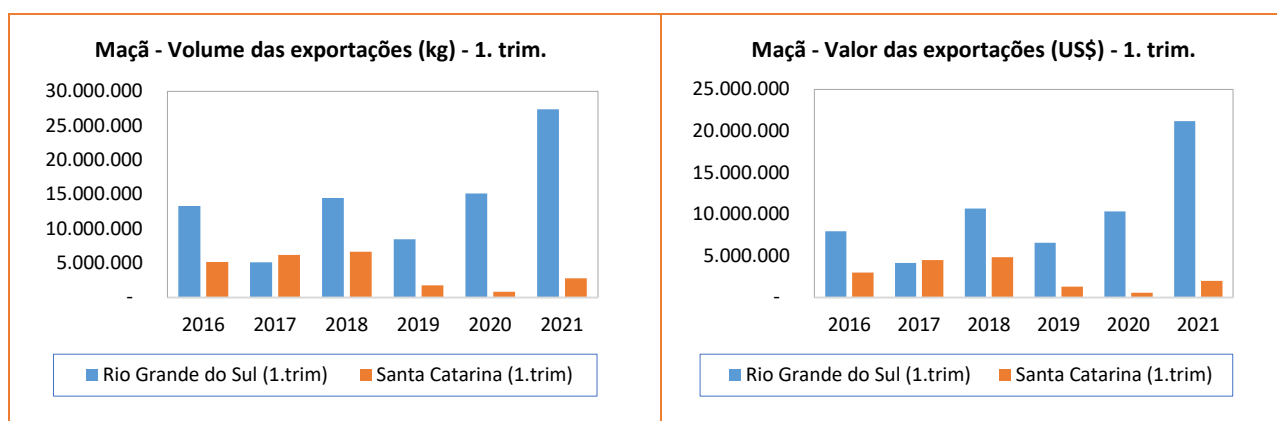


Figura 3. Maçã – Exportações de SC e RS – 1º trimestre de 2016 a 2021

Fonte: Comexstat/MDIC.

No primeiro trimestre de 2021 as exportação brasileira de maçãs foi de US\$ 23,21 milhões com um volume de 30,20 mil toneladas da fruta. Entre o 2020 e 2021, o Brasil apresentou crescimento de 112% no valor das exportações, no trimestre, com aumento de 89% no volume exportado da fruta. No comparativo com os últimos cinco anos os valores e volumes exportados em 2021 são de 40% a 190% maiores. Com a taxa de câmbio (R\$/US\$) favorável a exportação e a demanda interna retraída, com medidas de controle da pandemia e recessão na economia, a estratégia é escoar a produção para o mercado externo.

O estado do Rio Grande do Sul participou com 91,3% do valor negociado e 90,8% do volume das exportações brasileiras, nos três primeiros meses de 2021. Enquanto o estado catarinense participou com 8,5% do valores das exportações e 9,2% do volume exportado de maçãs.

Os principais destinos das frutas brasileiras, no trimestre, foram: Índia com 10,5 mil toneladas (73%) e US\$ 8,5 milhões (75%); Bangladesh com 3,3 mil toneladas (23%) no valor de US\$ 2,5 milhões; e Federação Russa com 491,2 toneladas e valor de US\$ 335 mil. O mês de março concentrou o volume do trimestre com 66% da quantidade exportada brasileira sendo destinada à Índia e 21% à Bangladesh.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2019/20 e a estimativa atual de 2020/21

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa 2019/20			Estimativa atual 2020/21			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtividade média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtividade média (%)
Joaçaba	2.157	75.178	34.853	2.285	85.176	37.276	5,93	13,30	6,95
Curitibanos	958	31.755	33.147	959	39.001	40.668	0,10	22,82	22,69
Campos de Lages	10.248	380.087	37.089	10.278	408.045	39.701	0,29	7,36	7,04
Outras	112	2.482	22.161	114	2.492	21.860	1,79	0,40	-1,36
Total	13.475	489.502	36.327	13.636	534.713	39.213	1,19	9,24	7,95

Com a colheita da maçã Fuji a estimativa da produção aumentou, houve adequação nos volumes para a safra 2020/21. Desse total estadual, estima-se que 53,1% sejam de produção de maçã Gala, 45,3% de maçã Fuji e 1,7% de maçãs precoces.

Grãos

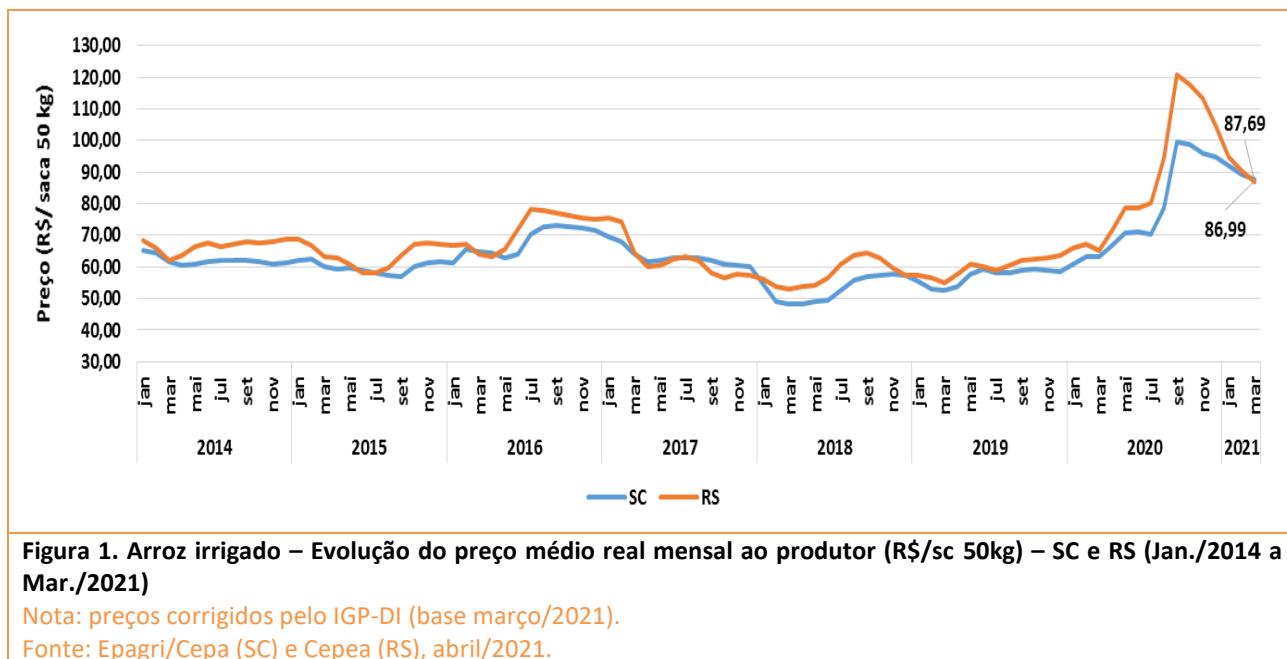
Arroz

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

A tendência baixista nas cotações do arroz, que iniciou em setembro de 2020, avançou sobre o mês de março, ao mesmo tempo em que a colheita de arroz segue para seu encerramento em todas as regiões produtoras. Os preços médios pagos ao produtor no mês de março recuaram 1,71% em relação a fevereiro, fechando em R\$87,69/saca de 50 kg. No mercado gaúcho, essa redução foi ainda maior, 3,92%, fechando em R\$86,99 a saca de 50 kg no mês de março. Na comparação de 12 meses, em Santa Catarina, os preços de março ficaram, em termos reais, 38,88% maiores em relação ao mesmo período do ano passado.

Durante o mês de março, se observou uma procura reduzida por parte dos compradores. Muitos deles estão com estoques satisfatórios e com dificuldades em repassar reajustes de preços ao mercado varejista. Mesmo assim, a demanda seguiu firme durante o mês de março, o que contribuiu para a manutenção dos preços ao produtor em bons patamares.



Safra

A colheita do arroz no estado segue em ritmo acelerado, alcançando até a primeira semana de abril 96,36% da área plantada. Para as lavouras que estão no campo, cerca de 90,5% apresenta condição de lavoura boa, e 9,5% condição de lavoura média. Na região Sul Catarinense a colheita foi concluída. Produtores e técnicos relatam uma boa safra, com produtividades muito boas, devendo ficar acima das 7.700kg/ha.

Na região do Litoral Norte do estado, a grande maioria das lavouras já foi colhida, restando algumas áreas plantadas mais tardiamente. Estima-se que a colheita principal se encerre até a segunda quinzena de abril.

A expectativa é de uma boa safra com produtividades próximas ao esperado, ficando entre 8.800 e 8.100kg/ha, contudo, um pouco abaixo das alcançadas na safra passada.

A estimativa atual da safra aponta para uma estabilidade na área plantada em torno de 149 mil hectares. Em relação à produção e produtividade, é esperada uma redução de 5,85% em comparação à safra anterior. Isso decorre do fato de que na safra passada, 2019/20, a produtividade média obtida foi superior às observadas nos anos anteriores, especialmente na Região Sul do estado, graças a uma conjunção de fatores como distribuição das chuvas, luminosidade adequada, uso de cultivares de alto potencial produtivo e incremento tecnológico.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa inicial – Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	504.920	8.580	58.848	454.033	7.715	0,00	-10,08	-10,08
Blumenau	7.101	63.364	8.923	7.116	62.977	8.850	0,21	-0,61	-0,82
Criciúma	21.828	191.178	8.758	21.830	168.701	7.728	0,01	-11,76	-11,76
Florianópolis	1.902	11.783	6.195	1.895	12.112	6.392	-0,37	2,79	3,18
Itajaí	9.478	74.451	7.855	9.446	76.607	8.110	-0,34	2,90	3,25
Ituporanga	171	1.503	8.790	171	1.539	9.000	0,00	2,40	2,39
Joinville	18.226	150.295	8.246	18.226	150.067	8.234	0,00	-0,15	-0,15
Rio do Sul	10.668	89.466	8.386	10.696	92.625	8.660	0,26	3,53	3,26
Tabuleiro	132	739	5.598	132	924	7.000	0,00	25,03	25,04
Tijucas	2.164	16.201	7.486	2.164	15.780	7.292	0,00	-2,60	-2,59
Tubarão	18.940	150.239	7.932	18.941	145.465	7.680	0,01	-3,18	-3,18
Santa Catarina	149.458	1.254.139	8.391	149.465	1.180.831	7.900	0,00	-5,85	-5,85

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2021.

As exportações de arroz em 2020 foram 31,8% superior às observadas em 2019. Observou-se um grande volume de vendas internacionais entre maio e outubro de 2020. O aumento das vendas ao mercado externo contribuiu, em grande parte, para a elevação dos preços pagos aos produtores no mercado interno. Em 2021, no primeiro trimestre do ano, percebe-se um arrefecimento no volume exportado de arroz e seus derivados. Em comparação ao primeiro trimestre de 2020, houve redução de 22%.

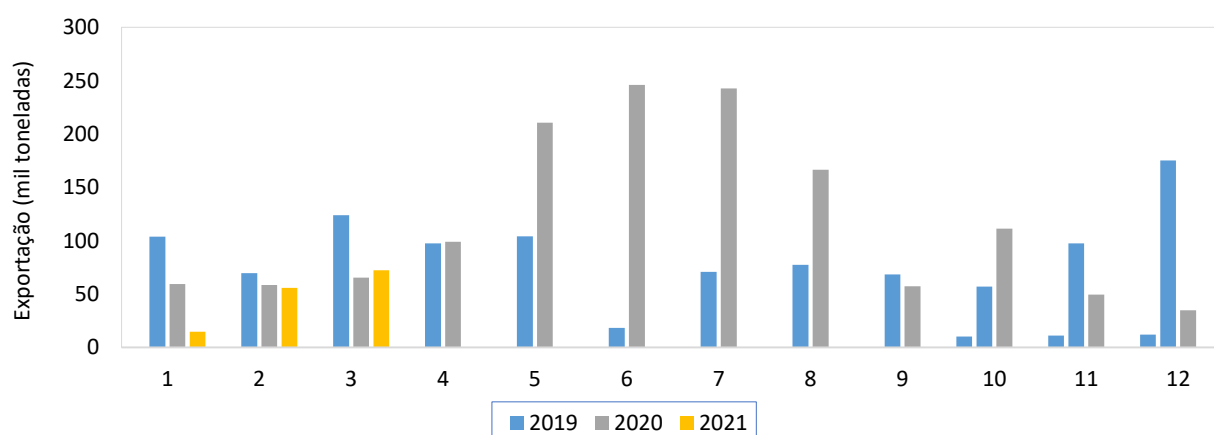


Figura 1. Brasil – Exportações arroz irrigado: evolução mensal (mil toneladas) – (Jan./2019 a Mar./2021)

Fonte: Comex Stat, abril/2021.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de março, o preço médio pago para produtores catarinenses de feijão-carioca, para a praça de referência de Joaçaba, SC, recuou em 1,37% em relação a fevereiro, fechando em R\$281,09/saca de 60 kg. Para os produtores paulistas, também foi observada queda nos preços médios mensais na ordem de 2,30%. Paraná e Mato Grosso do Sul registraram alta do preço médio mensal de 2,55% e 1,13%, respectivamente. No mercado catarinense, os preços do feijão-preto se mantiveram estáveis, fechando a média mensal para a praça de referência de Canoinhas em R\$280,00/saca de 60 kg.

Em relação ao abastecimento do mercado interno, a Conab registra que os estoques domésticos estão sendo suficiente para atender a demanda interna até o momento. Nesses primeiros meses do ano, os comerciantes passaram a trabalhar com estoques mínimos, com vendas suficientes apenas para honrar os seus compromissos na expectativa de reação do setor varejista que se mantém lenta. Nas principais regiões produtoras, as condições climáticas desfavoráveis para a primeira safra ocasionaram queda na produtividade e na qualidade do grão, mantendo os preços firmes. Contudo, com produtores administrando estoques e comerciantes adquirindo muito pouco em função do desaquecimento das vendas no varejo, o mercado do feijão se apresenta inseguro no primeiro semestre, apesar da manutenção dos preços em patamares elevados.

Com o aumento das estimativas da segunda safra nacional de feijão, há a expectativa de que possa haver uma redução nos preços ao produtor. Entretanto, um quadro de oferta muito ajustado e baixos estoques nas lavouras e cerealistas, aliado a incertezas climáticas, devem assegurar preços satisfatórios aos produtores até meados de abril. Contudo, segundo a Conab, a partir de maio a situação de abastecimento tende a se normalizar com o avanço das colheitas do feijão segunda safra em todo o Brasil.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Mar./2021	Fev./2021	Variação mensal (%)	Mar./2020	Variação Anual (%)
Santa Catarina⁽¹⁾	Feijão-carioca	281,09	285,00	-1,37	186,97	50,34
Paraná		282,98	275,93	2,55	219,92	28,67
Mato Grosso do Sul		288,92	285,68	1,13	265,23	8,93
Bahia		269,35	282,5	-4,65	224,55	19,95
São Paulo		290,65	297,5	-2,30	248,32	17,05
Goiás		275,68	269,4	2,33	244,29	12,85
Santa Catarina⁽²⁾	Feijão-preto	280,00	280,00	0,00	134,67	107,92
Paraná		285,84	299,93	-4,70	145,31	96,71
Rio Grande do Sul		309,09	302,9	2,04	151,89	103,50

⁽¹⁾ Feijão-carioca: praça referência Joaçaba, SC.

⁽²⁾ Feijão-preto: praça referência Canoinhas, SC.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), abril/2021.

Safra Catarinense

Feijão 1ª safra

Em Santa Catarina, 89,42% da área plantada com feijão primeira safra já foi colhida. Nas Microrregiões Geográficas (MRG) de Joaçaba, Curitiba e Campos de Lages, onde o plantio é mais tardio, com predominância do cultivo de feijão-carioca, a colheita segue em bom ritmo. A alternância de períodos mais chuvosos e secos tem favorecido o desenvolvimento das lavouras. Em relação ao produto que vem sendo colhido, a qualidade é considerada excelente. Produtores estão bastante satisfeitos com o resultado da safra que está sendo colhida.

Nas demais regiões do estado, a colheita da primeira safra de feijão já foi concluída. Como já relatamos em boletins anteriores, a safra foi bastante comprometida, sobretudo nas MRG de Canoinhas, Chapecó e São Miguel do Oeste. No seu início, a estiagem que perdurou até a primeira quinzena de dezembro de 2020, prejudicou o desenvolvimento das lavouras de feijão em todo estado, desde sua implantação até a colheita. Num segundo momento, a partir da segunda quinzena de dezembro até final de janeiro, o excesso de chuvas atingiu muitas lavouras no período de maturação e colheita, comprometendo o resultado esperado da safra.

Em todo estado, para a cultura do feijão 1ª safra, safra 2020/21, estimamos que a área plantada reduziu 5%. Além dessa diminuição de área de plantio, o produto colhido nas lavouras plantadas mais cedo, apresentou problemas de qualidade. Foram inúmeros os registros de lavouras com grãos de feijão brotados na vagem e/ou com ataque severo de doenças sem possibilidade de controle. Com isso, a produtividade média nessa safra deverá reduzir quase 5%, resultando numa produção 9% menor em comparação com a safra passada. A expectativa é de que as lavouras que estão sendo colhidas, e que vem apresentando excelente qualidade, contribuam para melhorar a produtividade média dessa safra.

Tabela 2. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2019/2020 e 2020/2021

Microrregião	Safra 2019/2020			Estimativa Safra 2020/2021			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	54	50	926	53	51	959	-2	2	4
Campos de Lages	7.530	8.375	1.112	6.500	12.772	1.965	-14	53	77
Canoinhas	6.200	14.420	2.326	7.450	8.287	1.112	20	-43	-52
Chapecó	2.208	4.585	2.077	1.789	2.034	1.137	-19	-56	-45
Concórdia	411	642	1.562	385	245	635	-6	-62	-59
Criciúma	675	778	1.153	682	793	1.163	1	2	1
Curitiba	4.780	8.505	1.779	4.310	10.437	2.422	-10	23	36
Florianópolis	12	7	542	15	15	1.000	25	114	85
Ituporanga	1.010	1.628	1.612	930	1.650	1.774	-8	1	10
Joaçaba	2.369	3.435	1.450	2.885	5.113	1.772	22	49	22
Rio do Sul	596	965	1.618	558	927	1.662	-6	-4	3
São Bento do Sul	600	1.200	2.000	600	643	1.072	0	-46	-46
São M. do Oeste	825	1.669	2.023	775	992	1.280	-6	-41	-37
Tabuleiro	376	451	1.200	371	370	997	-1	-18	-17
Tijucas	166	172	1.033	180	219	1.214	8	27	18
Tubarão	773	963	1.246	767	958	1.249	-1	0	0
Xanxerê	7.384	15.047	2.038	6.094	11.551	1.895	-17	-23	-7
Santa Catarina	35.969	62.891	1.748	34.344	57.057	1.661	-5	-9	-5

Fonte: Epagri/Cepa (SC), abril/2021.

Feijão 2ª safra

O plantio da segunda safra de feijão catarinense teve início em janeiro, mas em função do excesso de chuvas a maior concentração de plantio ocorreu a partir de fevereiro. Nesse momento, as operações de plantio já foram encerradas. Em todo estado, para as lavouras que estão a campo, 57% da área encontram-se em fase de desenvolvimento vegetativo, 41% em fase de floração e apenas 2% foi colhido. Quanto à condição de lavoura, 77% é considerada boa, 18% está em condição média e 5% em condição ruim.

Na região Sul do estado, as lavouras vêm apresentando bom desenvolvimento vegetativo e nos próximos dias as primeiras áreas devem entrar em floração. Já nas regiões do Planalto Norte, Oeste e Extremo Oeste do estado, os baixos volumes de chuvas em plena fase de floração e formação de grãos, tem prejudicado a condição das lavouras. Além disso, as variações de temperatura, com noites/manhãs frias e dias quentes, proporcionam condições favoráveis a maior incidência de doenças, deixando os produtores alertas em relação à intensificação dos tratamentos fitossanitários. Certamente haverá redução nas expectativas de produtividade média das lavouras.

Tabela 3. Feijão 2ª – Comparativo de safra 2019/2020 e 2020/2021

Microrregião	Safra 2019/2020			Estimativa Safra 2020/2021			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Produção	Produtividade
Araranguá	602	368	611	602	368	611	0	0	0
Canoinhas	1.220	951	780	930	793	853	-24	-17	9
Chapecó	2.294	3.322	1.448	3.187	4.976	1.561	39	50	8
Concórdia	85	170	2.000						
Criciúma	2.416	1.707	707	1.010	706	699	-58	-59	-1
Ituporanga	1.265	1.331	1.052	1.070	1.880	1.757	-15	41	67
Rio do Sul	521	445	855	468	761	1.627	-10	71	90
São Bento do Sul	60	39	650	80	62	775	33	59	19
São M. do Oeste	2.065	2.058	997	1.601	2.309	1.442	-22	12	45
Tubarão	1.181	780	661	1.181	780	661	0	0	0
Xanxerê	13.005	20.287	1.560	14.065	25.312	1.800	8	25	15
Santa Catarina	24.714	31.459	1.273	24.194	37.947	1.568	-2	21	23

Fonte: Epagri/Cepa (SC), abril/2021.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em plena época da colheita da primeira safra no sul do Brasil, os preços se mantêm em patamares elevados com cotações ao produtor em R\$ 80,00/sc na média mensal do trimestre. (Figura 1). Nos demais estados, os valores seguiram a mesma trajetória no período. O mercado de milho pode estar se consolidando em um novo padrão de preços, com maior impacto do mercado internacional na definição das cotações.

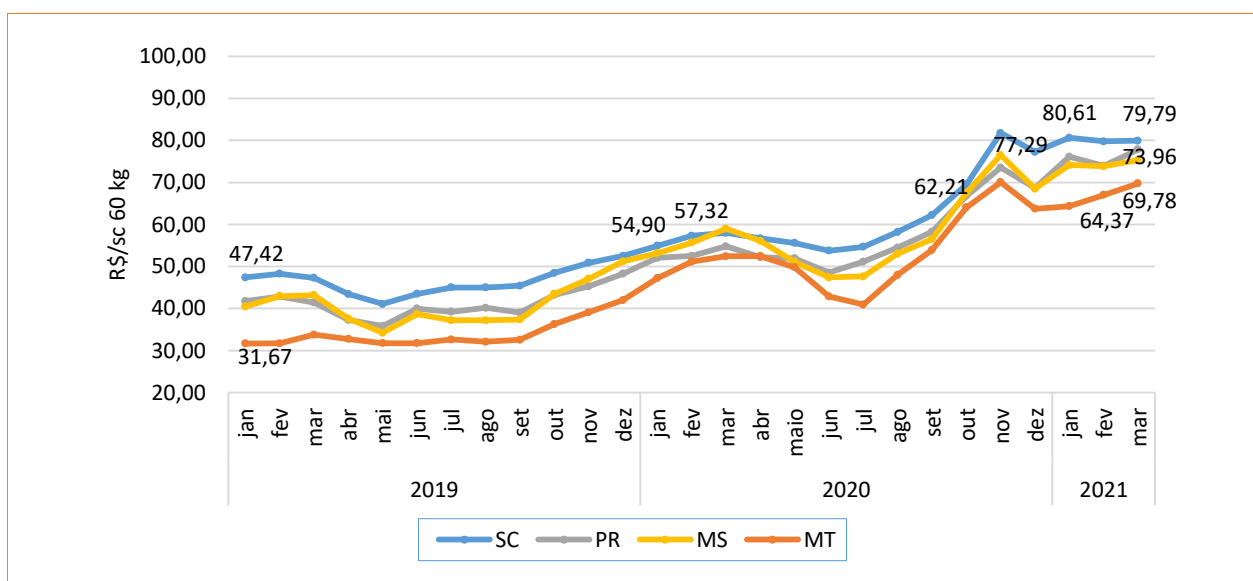


Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – jan./2019 a mar./2021 (atualizado IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral-PR, Agrolink, janeiro/2021.

Mercado: fatores que influenciaram e tendências

Entre os fatores que estão influenciando a alta dos preços podemos citar o risco climático para a segunda safra no Brasil, o também risco climático na implantação da safra nos EUA, a desvalorização do real e a demanda da China associada à recuperação do plantel de suínos. **Como fatores que podem influenciar na baixa** estão o aumento da área cultivada nos Estados Unidos, valorização do real e a viabilização das importações com a prorrogação da suspensão da Tarifa Externa Comum (TEC) até fim do ano¹.

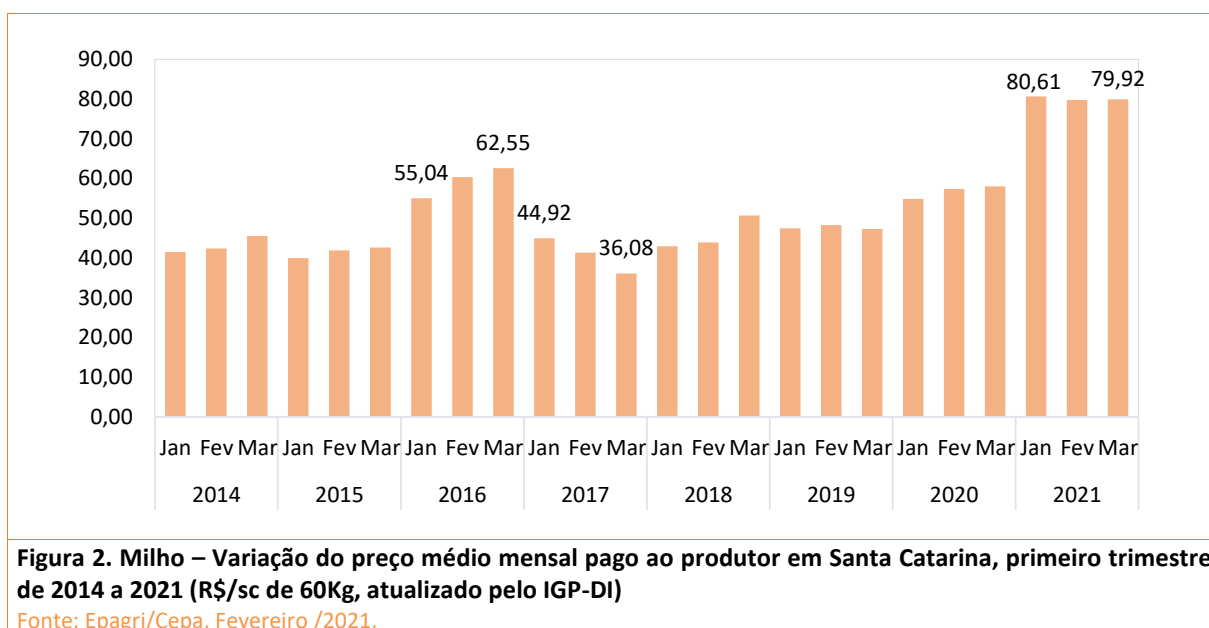
No Brasil, a expectativa é de que o suprimento deverá ser ajustado à demanda até o final do primeiro semestre de 2021, importações serão necessárias;

- Os preços devem se manter altos no Brasil até julho, quando entra a segunda safra, que representa cerca de 70%.

¹Valor Econômico Agronegócios. <https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2021/04/20/gecex-formaliza-suspensao-de-taxas-de-importacao-de-soja-e-milho.ghtml>

Preços

Os preços mensais pagos ao produtor no primeiro semestre de 2021 apresentaram os maiores valores da série analisada, de 2014 a 2021 (Figura 2). Os preços estão corrigidos pelo IGP-DI, sendo que, em janeiro de 2021 o preço nominal do milho, saca de 60kg, estava em R\$76,82, com a atualização em março, está em R\$80,61 (no trimestre, a taxa IGP-DI acumula alta de 7,99% refletindo o processo de inflação dos últimos meses)². O comportamento dos preços no primeiro trimestre de 2020 apresentou sinais de elevação e se consolidou no segundo semestre nos elevados patamares atuais. Comportamento semelhante foi observado no Brasil em 2016, resultado de uma forte queda na safra em função da estiagem. Em 2017, com uma supersafra, os preços recuaram com o avanço da colheita no trimestre. Nos anos 2019 e 2020 foram embarcados cerca de 75 milhões de toneladas, tornando o Brasil segundo exportador. Além disso, a pandemia mundial entra como fator adicional no fortalecimento dos preços das commodities no mercado internacional.



Acompanhamento da safra 2020/2021 em Santa Catarina

A irregularidade climática e fatores biológicos marcam a atual safra. A estiagem prolongada em setembro e outubro de 2020 ocasionou perdas estimadas de aproximadamente 20% na produção esperada. No início deste ano, novas perdas são adicionadas, agora pelo ataque de cigarrinha e complexo de doenças associadas. O prognóstico inicial que estava em 2,83 milhões de toneladas, diminuiu no atual relatório para 1,93 milhões, o que significa uma redução superior a 900 mil toneladas somente na primeira safra. As estimativas das perdas são diferenciadas entre as microrregiões do estado, sendo que, Chapecó e São Miguel do Oeste registram as maiores reduções no rendimento e produção total. O acompanhamento de safra, realizado pela Epagri/Cepa, atualiza mensalmente as informações da área, produção e rendimento de milho em cada município que compõe as estimativas regional e estadual (Tabela 1). Até o fechamento da safra, em junho, os números poderão sofrer alterações.

²<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-04/igp-di-tem-inflacao-de-217-em-marco-diz-fgv>

Tabela 1. Milho – Santa Catarina: estimativas da produtividade média estadual (inicial – setembro de 2020), e março/2021

MRG	Safr 2020/21 – Inicial			Safr 2020/21 – Atual			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quantidade (t)	Área	Quant.	Produtividade
Araranguá	7.759	6.716	52.112	7.759	6.191	48.039	0,00	-7,81	-7,81
Blumenau	1.815	4.669	8.474	1.865	4.367	8.145	2,75	-6,46	-3,89
Campos de Lages	31.910	6.910	220.510	34.520	6.728	232.250	8,18	-2,64	5,32
Canoinhas	31.900	10.065	321.060	31.900	8.114	258.850	0,00	-19,38	-19,38
Chapecó	43.920	8.989	394.797	43.905	4.030	176.954	-0,03	-55,16	-55,18
Concórdia	22.650	7.561	171.266	13.170	5.516	72.649	-41,85	-27,05	-57,58
Criciúma	7.086	6.901	48.900	7.086	6.531	46.280	0,00	-5,36	-5,36
Curitibanos	26.065	10.424	271.710	27.065	7.740	209.481	3,84	-25,75	-22,90
Florianópolis	6	3.333	20	5	3800	19	-16,67	14,00	-5,00
Ituporanga	10.550	7.418	78.260	10.550	7.602	80.200	0,00	2,48	2,48
Joaçaba	65.790	8.922	586.972	66.715	5.034	335.831	1,41	-43,58	-42,79
Joinville	356	5.529	1.968	326	5.661	1.845	-8,43	2,38	-6,25
Rio do Sul	18.780	7.210	135.398	18.830	7.203	135.626	0,27	-0,10	0,17
São Bento do Sul	3.700	9.365	34.650	3.700	7.630	28.230	0,00	-18,53	-18,53
São M. do Oeste	28.958	8.472	245.324	16.821	3.633	61.109	-41,91	-57,12	-75,09
Tabuleiro	2.410	5.826	14.040	2.410	4.996	12.040	0,00	-14,25	-14,25
Tijucas	1.855	5.046	9.360	1.855	4.755	8.820	0,00	-5,77	-5,77
Tubarão	5.015	6.370	31.947	5.015	6.158	30.881	0,00	-3,34	-3,34
Xanxerê	20.830	9.621	200.402	24.120	7.412	178.784	15,79	-22,96	-10,79
Total geral	331.355	8.532	2.827.170	317.617	6.064	1.926.033	-4,15	-28,93	-31,87

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, março/2021.

Em relação à segunda safra, de 25,2 mil hectares de área de cultivo estimada, no relatório atual, a estimativa foi reduzida para 24,4 mil hectares. Mesmo assim, a área na safra atual teve um incremento cerca de 90% quando comparada ao ano de 2020 (Infoagro,2021). Muitos produtores na tentativa de recuperar a produção perdida na primeira safra, ampliaram a área de cultivo. No entanto, novamente a estiagem no início de abril já está causando redução na produtividade, de 6,1 t/ha inicialmente, sendo estimada atualmente para 5,0 t/ha (Tabela 2).

Tabela 2. Milho – Santa Catarina: estimativas da área e rendimento da segunda safra (inicial – janeiro de 2021), e atual (março/2021)

MRG	Safr 2020/21 – inicial			Safr 2020/21 – atual			Variação %		
	Área plant. ini. (ha)	Prod méd. ini. (kg/ha)	Qtd. Prod. ini. (t)	Área plant. atual (ha)	Prod. Méd. ini. (kg/ha)	Qtd. prod. atual (t)	Área	Quant.	Produtividade
Araranguá	389	4.775	1.858	389	4.776	1.858	0,00	0,02	0,02
Chapecó	8.014	6.431	51.536	7.501	5.833	43.750	-6,40	-9,30	-15,11
Concórdia	4.000	7.122	28.487	4.000	3.162	12.646	0,00	-55,61	-55,61
Criciúma	365	4.522	1.651	365	4.444	1.622	0,00	-1,74	-1,74
São M. do Oeste	7.293	5.727	41.765	7.173	5.514	39.554	-1,65	-3,71	-5,29
Tabuleiro	450	3.889	1.750	450	3.750	1.688	0,00	-3,57	-3,57
Tijucas	750	3.900	2.925	750	3.833	2.875	0,00	-1,71	-1,71
Tubarão	100	4.660	466	100	4.660	466	0,00	0,00	0,00
Xanxerê	3.833	6.098	23.372	3.673	6.017	22.099	-4,17	-1,33	-5,45
Total geral	25.194	6.105	153.809	24.401	5.003	122.068	-3,15	-18,06	-20,64

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, março/2021.

Considerando as duas épocas de cultivos, primeira e segunda safra, a produção inicialmente estimada foi de 2,98 milhões de toneladas (tabela 3). A estimativa atual registra 2,04 milhões de toneladas. As avaliações indicam redução de 31,9% na primeira safra e 20,6% na segunda. Caso isto se confirme, teremos a menor produção da última década, com maiores dificuldades no suprimento de milho no estado e possível pressão de custos nas cadeias de produção animal.

Tabela 3. Milho – Santa Catarina: estimativas da produtividade média estadual (inicial – janeiro de 2021), e atual (março/2021)

MRG	Safra 2020/21 - inicial			Safra 2020/21 - atual			Variação %		
	Área (ha)	Prod. kg/ha	Quantidade (t)	Área (ha)	Prod. kg/ha	Quantidade (t)	Área	Quant.	Produtividade
Milho 1a safra	331.355	8.532	2.827.170	317.617	6.064	1.926.033	-4,1	-28,9	-31,9
Milho 2ª safra	25.194	6.105	153.809	24.401	5.003	122.068	-3,1	-18,1	-20,6
Total geral	356.549	8.361	2.980.979	342.018	5.988	2.048.101	-4,1	-28,4	-31,3

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, março/2021.

Acompanhamento de Safra

O calendário da situação da atual safra, indica para a primeira semana de abril que, cerca de 81% da área cultivada foi colhida (Tabela 4). Algumas regiões já concluíram a colheita, como é o caso do Oeste e do litoral. Já a microrregião de Campos de Lages está com 30% da área colhida em função do calendário de plantio.

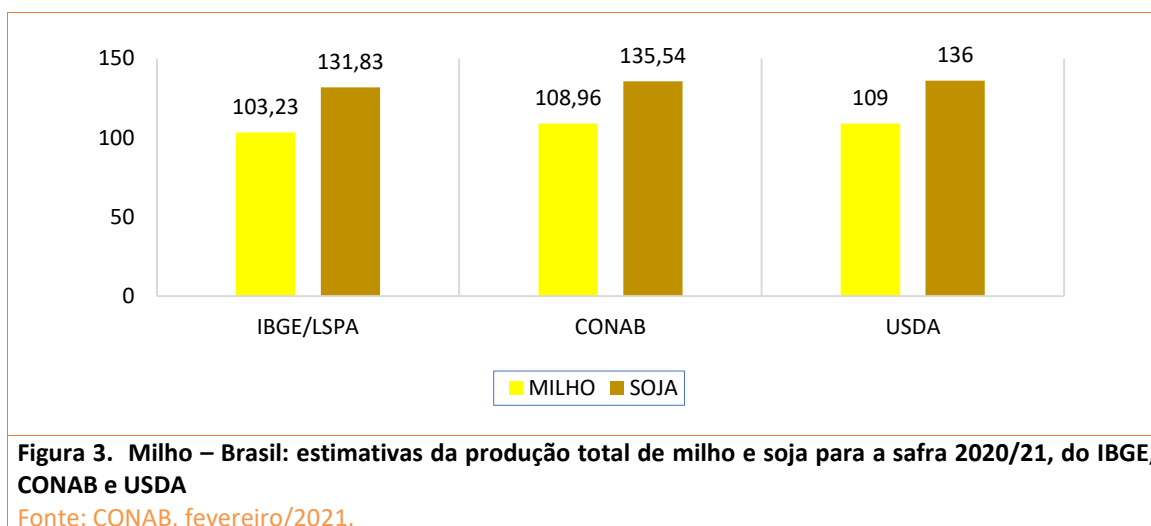
Tabela 4. Milho – Calendário: área cultivada por microrregião e percentual de colheita até a primeira semana de abril

MRG	Área cultivada (ha)	% Colheita	% Colheita Ponderado
Araranguá	7.759	100	2,44
Blumenau	1.865	85	0,50
Campos de Lages	34.520	30	3,26
Canoinhas	31.900	92	9,24
Chapecó	43.905	97	13,41
Concórdia	13.170	93	3,86
Criciúma	7.086	100	2,23
Curitibanos	27.065	82	6,99
Florianópolis	5	100	0,00
Ituporanga	10.550	62	2,06
Joaçaba	66.715	81	17,01
Joinville	326	85	0,09
Rio do Sul	18.830	62	3,68
São Bento do Sul	3.700	97	1,13
São Miguel do Oeste	16.821	98	5,19
Tabuleiro	2.410	95	0,72
Tijucas	1.855	100	0,58
Tubarão	5.015	100	1,58
Xanxerê	24.120	95	7,21
Santa Catarina	317.617	-	81,18

Fonte Epagri/Cepa, Sistema de Acompanhamento de Safra, abril/2021.

Estimativas da Safra nacional de milho

Os prognósticos das safras brasileira de grãos e produção agropecuária de vários produtos são realizados por diferentes Agências e Institutos. No Brasil, o IBGE e a Conab atuam nestes levantamentos com metodologias próprias. Enquanto o IBGE³ trabalha com o ano civil para compor o Produto Interno Bruto - PIB, dentre outros objetivos. A CONAB⁴ trabalha com ano agrícola, com levantamentos em cooperativas e agentes de mercado. As Instituições nacionais atuam em conjunto com as estaduais. A Epagri/Cepa, participa de reuniões mensais de acompanhamento de safra do IBGE e CONAB e contribui assim para a construção da estatística nacional. O USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) levanta, além da safra norte americana, os números atualizados da safra dos países, que compõe a produção mundial de vários produtos. Para a safra 2020/21, a CONAB atualiza expectativa de produção total para 108,9 milhões de toneladas de milho, muito próximo do prognóstico da USDA no relatório de início de abril (Figura 3). O IBGE está com estimativa de 103,23 milhões de toneladas. A segunda safra (denominada safrinha no passado) que é a principal de milho está em pleno desenvolvimento safra (denominada safrinha no passado) e representa cerca de 70 % total do grão produzido no país. Com o atraso verificado no plantio desta safra o fator climático passa a ser foco dos levantamentos e do comportamento do mercado. As estimativas são atualizadas mensalmente e ao longo da safra podem ser corrigidas, conforme influência de fatores climáticos e biológicos na produção em cada região.



Destaque no relatório USDA de abril 2021

No relatório de início de abril, o USDA (Departamento de Agricultura dos EUA) publica uma análise especial sobre a produção de grãos no Brasil, com destaque para o cenário de demanda do estado de Santa Catarina⁵: “A economia catarinense é fortemente dependente do agronegócio (30% do PIB e 70% das exportações), o que leva o governo do estado a implementar alguns programas de apoio à produção de milho (200.000 sacos de sementes de milho de alto rendimento para agricultores em Santa Catarina), além de fazer investimentos para aumentar infraestrutura elétrica e de transporte no estado). Em 2021, Santa Catarina precisará comprar cerca de 5 milhões de toneladas de milho de outros estados ou países a preços altos para atender demanda de ração”.

³<https://dados.gov.br/dataset/la-levantamento-sistematico-da-producao-agricola-lspa>

⁴<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras>

⁵Grain and Feed Annual Country: Brazil. Report Category: Grain and Feed. Global Agricultural Information Network. USDA – United States Department of Agriculture. Date: April, 01, 2021.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelas@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços se mantêm firmes desde outubro, quando superaram a marca de R\$170,00/sc no Estado (valor corrigido IGP-DI). Em dezembro, porém, apresentaram um recuo em função do dólar. No primeiro trimestre as cotações se mantêm em um patamar elevado, mesmo em plena colheita da safra brasileira. Os preços praticados nos diferentes estados analisados estão próximos desde o início do ano (Figura 1). O que justifica a paridade dos preços entre as regiões é o elevado comprometimento da atual safra, ou seja, as vendas por contratos anteriores estão superiores a das safras passadas, em especial para o mercado internacional.

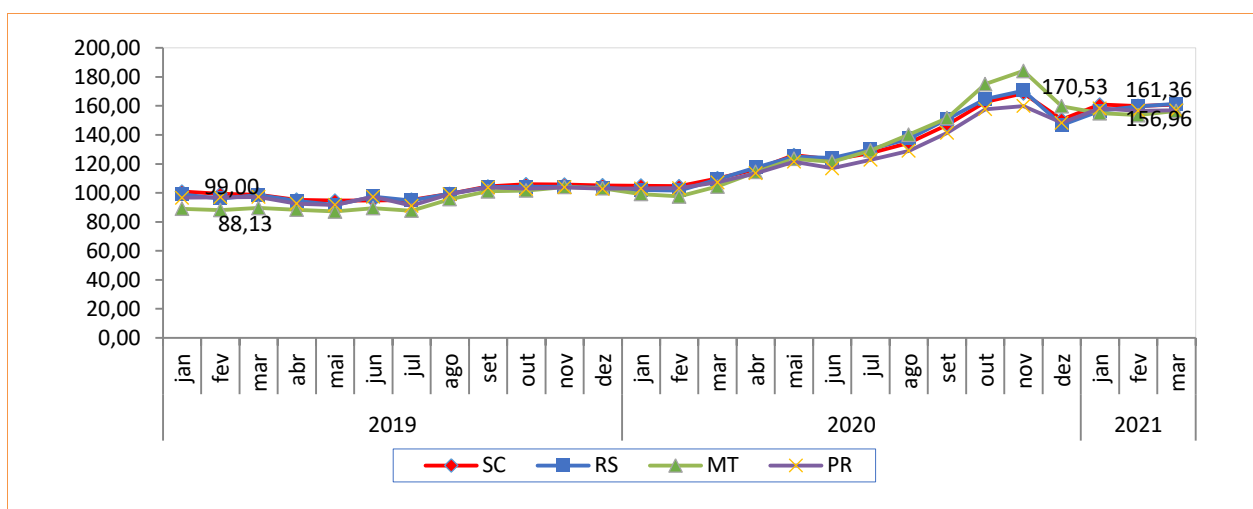


Figura 1. Soja em grão - Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor – 2019-2021 (corrigidos pelo IGP-DI, base mar./2021)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR e Agrolink (MT).

Fatores que impactaram os preços em março e início de abril-2021

Os preços elevados no mercado internacional foram influenciados pela forte demanda chinesa, os estoques internos e Início da nova safra do EUA e China, com problemas climáticos. O câmbio (relação real/dólar), justifica as oscilações no mercado interno em março e abril.

Os preços médios mensais pagos ao produtor no estado apresentaram forte variação ao longo dos últimos seis anos. A menor cotação registrada foi em abril de 2017, com valor de R\$57,27/sc, enquanto a maior foi em novembro de 2020, registro de R\$160,98/sc (valor nominal). Em 2020, o comportamento dos preços foi completamente atípico com A média dos preços nominais de R\$79,54/sc. Os valores mensais nominais oscilaram abaixo desta média até o mês de março de 2020. Após este período, as cotações mudaram de patamar, com uma elevação consistente, impulsionadas pela desvalorização do real e forte demanda do mercado chinês. Em relação aos valores atualizados pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI)⁶, os preços também estão registrando recordes desde agosto de 2020.

⁶O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) subiu 2,71% em fevereiro. Com este resultado, o índice acumula alta de 5,69% no ano e de 29,95% em 12 meses.

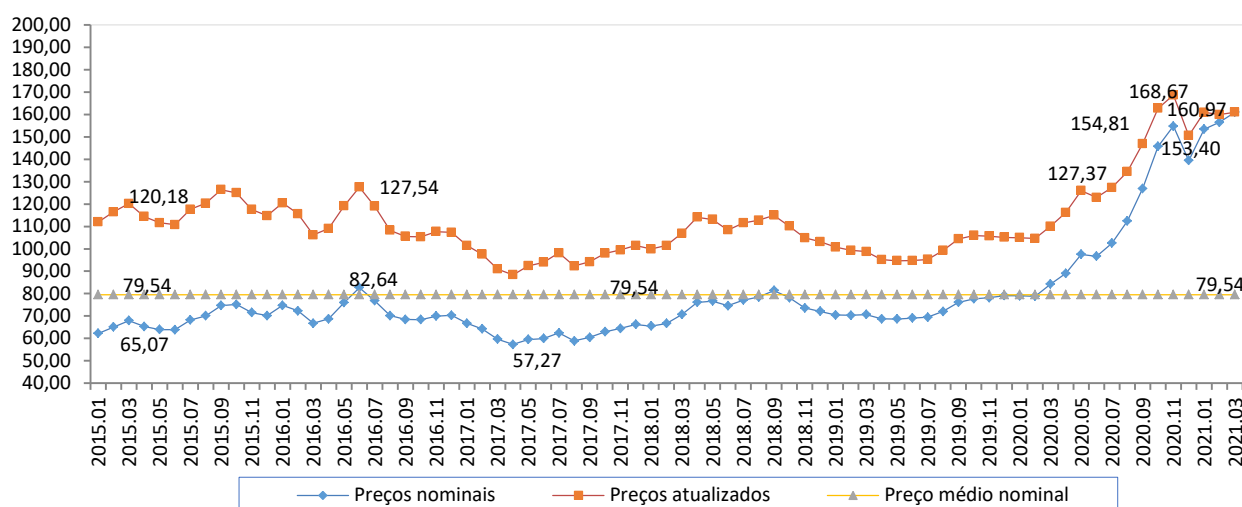


Figura 2. Soja em grão – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor em R\$/saca de 60Kg, de 2015-2021 (preços nominais e corrigidos pelo IGP-DI, base mar.2021)

Fonte: Epagri/Cepa, Deral – PR e Agrolink (MT).

Mercado Futuro – Chicago

A soja continua com os preços fortalecidos na Bolsa de Chicago em abril, ultrapassando, em vários momentos o patamar de US\$14,50/bushel para contratos em maio/2021, que equivale a valores acima dos US\$30,0/sc. Já, para os contratos de setembro/2021, as cotações sinalizam para uma estabilização. Os preços internacionais são impulsionados pela demanda Chinesa, estoques mundiais baixos e a expectativa de plantio da safra Norte Americana. O mercado deverá apresentar oscilações frente às incertezas do desenvolvimento da safra americana cuja colheita inicia em setembro. Caso as cotações soja alcancem US\$16/bushel em abril (contratos) será o dobro do valor de um ano atrás. A pandemia foi um dos fatores que levaram a preocupação com a segurança alimentar e, impulsionaram a valorização dos grãos no mercado internacional.

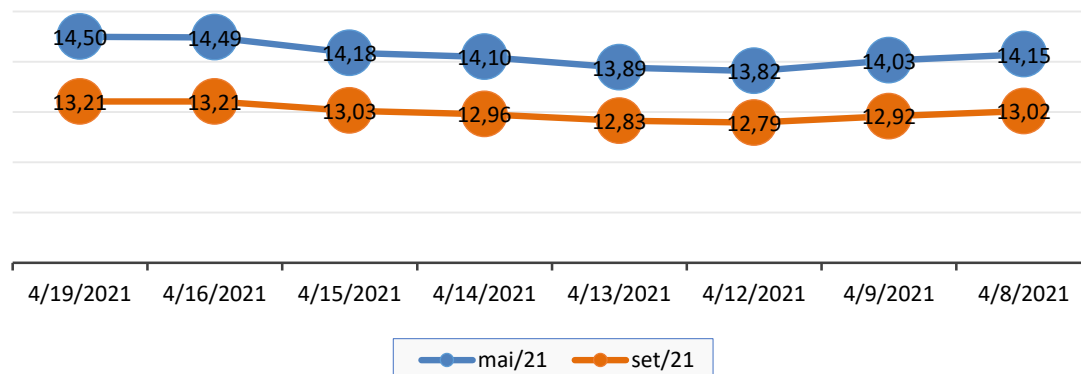


Figura 3. Cotações da soja em grão, Bolsa de Chicago. Contratos referência maio/2021 e set/2021 em US\$/bushel

Fonte: CME Group, Notícias agrícolas. Elaboração Epagri/Cepa.

Safra catarinense 2020-21

A estimativa de janeiro de 2021 indica o cultivo de 667,78 mil hectares de soja na primeira safra, com produção prevista de 2,35 milhões de toneladas, 5,1% inferior do prognóstico inicial devido aos fatores climáticos que reduziram a expectativa de rendimento (Tabela 1). As boas condições climáticas em dezembro e janeiro devem manter uma produção satisfatória na primeira safra.

Tabela 1. Soja –Santa Catarina: primeira safra – estimativa inicial e atual mar./2021)

MRG	Safra 2020/21 Estimativa inicial)			Safra 2020/21 Estimativa atual – mar.)			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quant. (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Prod.	Quant.
Araranguá	580	3.402	1.973	580	3.103	1.973	0,0	-8,8	0,0
Campos de Lages	62.540	3.319	207.582	64.340	3.356	218.242	2,9	1,1	5,1
Canoinhas	138.400	3.804	526.491	140.600	3.338	526.900	1,6	-12,3	0,1
Chapecó	80.825	3.385	273.603	78.950	3.399	230.094	-2,3	0,4	-15,9
Concórdia	6.055	3.790	22.946	5.975	3.740	21.950	-1,3	-1,3	-4,3
Criciúma	4.440	3.542	15.728	4.440	3.225	15.728	0,0	-9,0	0,0
Curitibanos	111.220	4.151	461.703	111.220	3.947	437.448	0,0	-4,9	-5,3
Ituporanga	8.350	3.505	29.268	8.350	3.806	29.268	0,0	8,6	0,0
Joaçaba	52.960	3.718	196.888	52.960	3.602	190.766	0,0	-3,1	-3,1
Rio do Sul	5.615	3.440	19.316	5.695	3.259	19.580	1,4	-5,3	1,4
São Bento do Sul	11.300	3.612	40.811	11.800	2.972	40.640	4,4	-17,7	-0,4
São Miguel do Oeste	35.459	3.789	134.364	35.459	3.242	106.746	0,0	-14,4	-20,6
Tubarão	650	3.200	2.080	650	2.940	2.145	0,0	-8,1	3,1
Xanxerê	138.660	3.496	484.813	146.760	3.450	505.092	5,8	-1,3	4,2
Total geral	657.054	3.679	2.417.566	667.779	3.490	2.346.572	1,6	-5,1	-2,9

Fonte: Epagri/Cepa, março/2020.

A estimativa inicial da segunda safra registra área cultivada de 41,06 mil hectares (Tabela 2). Portanto, a área total a ser cultivada com soja supera os 700 mil hectares na safra 2020/2021.

Tabela 2. Soja –Santa Catarina: segunda safra – Estimativa inicial (set. 2020) e março de 2021

MRG	Safra 2020/21 Estimativa inicial			Safra 2020/21 Estimativa atual – março			Variação %		
	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quant. (t)	Área (ha)	Prod. (kg/ha)	Quant. (t)	Área	Prod.	Quant.
Araranguá	385	3.345	1.288	385	3.345	1.288	0,0	0,0	0,0
Canoinhas	4.331	1.955	8.467	4.330	1.955	8.467	0,0	0,0	0,0
Chapecó	15.230	2.388	36.370	17.131	2.406	41.213	12,5	0,7	13,3
Concórdia	1.200	3.228	3.873	1.200	3.228	3.873	0,0	0,0	0,0
São Bento do Sul	180	1.856	334	180	2.022	364	0,0	9,0	9,0
São Miguel do Oeste	6.410	2.417	15.490	6.290	2.254	14.179	-1,9	-6,7	-8,5
Xanxerê	11.600	2.269	26.320	11.500	2.274	26.150	-0,9	0,2	-0,6
Total geral	39.336	2.342	92.142	41.016	2.329	95.534	4,3	-0,6	3,7

Fonte: Epagri/Cepa, março/2021.

Acompanhamento Safra

O ritmo da colheita da safra de soja de verão (primeira safra) tem comportamento distinto entre as regiões. Na região Campos de Lages, 30% da área foi colhida até início de abril. As regiões de Chapecó, e Xanxerê e litoral sul finalizaram a colheita (Tabela 3). Com o tempo mais seco no fim de março e início de abril, os serviços de colheita seguem em ritmo mais intenso. Em média a colheita no estado alcançou 71% da área cultivada na primeira safra. Os rendimentos médios oscilam muito entre regiões produtoras acompanhadas.

Tabela 3. Soja – Santa Catarina: segunda safra – estimativa inicial (2021)

MRG	Área Plant. (ha)	% Col	% Col Ponderado
Araranguá	730	100	0,1
Campos de Lages	67.930	30	3,1
Canoinhas	140.600	70	14,9
Chapecó	76.961	98	11,4
Concórdia	6.170	40	0,4
Criciúma	4.440	100	0,7
Curitibanos	111.220	48	8,1
Ituporanga	8.350	80	1,0
Joaçaba	53.070	49	3,9
Rio do Sul	5.695	80	0,7
São Bento do Sul	11.800	85	1,5
São Miguel do Oeste	34.515	87	4,5
Tubarão	650	100	0,1
Xanxerê	138.223	99	20,7
Santa Catarina	660.354	-	71,2

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro/2021.

Cenário Nacional da Safra 2020/2021⁷.

A expectativa para a safra 2020/21 é de continuidade no crescimento da área plantada da oleaginosa, alcançando 38,46 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 4,1% em comparação à safra anterior (Figura 4). A partir de dezembro e durante janeiro ocorreram precipitações mais volumosas, propiciando condições mais adequadas para o desenvolvimento das lavouras nas diversas regiões. Assim é esperada produção recorde de 135,4 milhões de toneladas, representando incremento de 8,6% em relação à safra 2019/2020.



⁷CONAB | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.8 – safra 2020/21, nº7 – sétimo levantamento | abril 2021

Safra e mercado mundial

No relatório de março, o USDA⁸, destaca a evolução das exportações de soja pelo Brasil: depois de um fevereiro com poucos volumes de embarques, em função do atraso da colheita, as exportações de soja do Brasil em março alcançaram um recorde 13,5 milhões de toneladas, 25% acima do recorde de março de 2020 de 10,9 milhões de toneladas. No primeiro trimestre já somam 16,2 milhões de toneladas exportadas (Comexstat, ME)⁹. Com uma fila de navios aguardando carregamento nos Portos, estima-se um potencial para embarques recorde em abril, que poderá exceder os 14,9 milhões de toneladas do mesmo mês do ano passado.

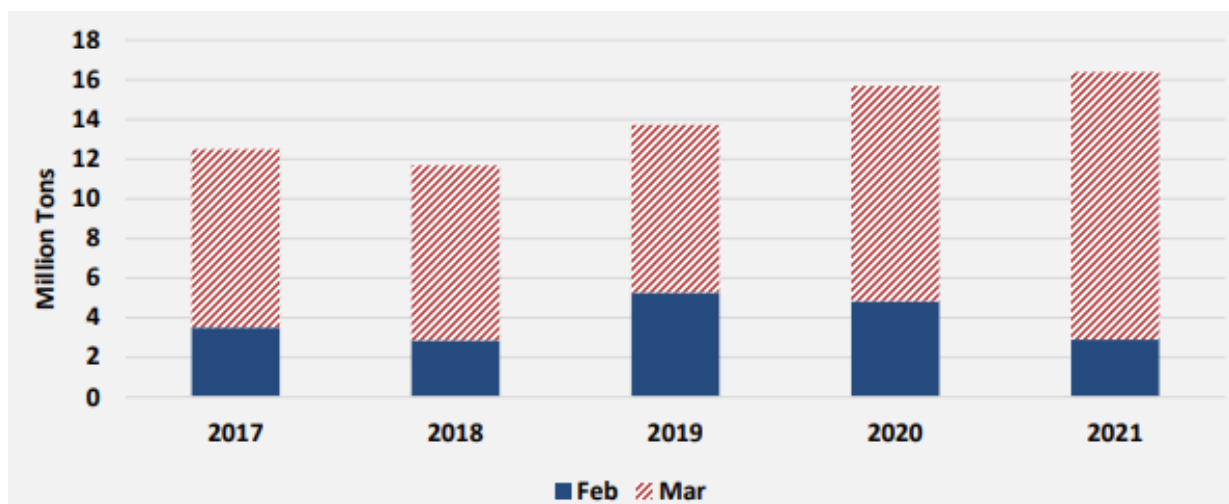


Figura 5. Soja – Global: exportações de soja pelo Brasil 2020/21 e comparativo com a safras anteriores

Fonte: USDA, relatório abril, 2021.

⁸Oilseeds: World Markets and Trade. IN: United States Department of Agriculture Foreign Agricultural /USDA, April 2021.

⁹Consulta exportações e importações. IN:<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de março, as cotações no mercado de balcão (valor pago ao produtor) para a saca de 60kg de trigo (PH78) no mercado catarinense, tiveram variação positiva de 2,87%, em relação ao mês anterior. A variação anual nesse período, em termos nominais, está 68% acima do que foi praticados em março de 2020. No mercado paranaense e gaúcho também houve alta de 5,48% e 2,27%, respectivamente.

No último mês, se observou uma baixa demanda por parte dos moinhos, o que nos leva a crer que devem estar bem abastecidos com o cereal. Por outro lado, os produtores demonstram maior interesse em negociar sua produção, uma vez que com a evolução da colheita das safras de verão, existe a necessidade de ampliação de espaço nos armazéns para a estocagem dos grãos de verão. Mesmo com esse cenário, as cotações seguem firmes.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Mar./2021	Fev./2021	Variação mensal (%)	Mar./2020	Variação anual (%)
Santa Catarina	77,86	75,69	2,87	46,36	67,95
Paraná	80,01	75,85	5,48	54,00	48,17
Mato Grosso do Sul	77,37	73,18	5,73	51,98	48,85
Goiás	95,35	89,10	7,01	54,27	75,70
Rio Grande do Sul	78,40	76,66	2,27	45,70	71,55

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS), abril/2021.

Safra

Foi dada a largada para a safra 2021/22 de trigo no país. Nessa temporada, a cultura do trigo será implantada em praticamente todas as regiões do país, sendo esperado um aumento na área de cultivo. Segundo dados da Conab, na Região Centro Oeste, que deverá passar de 57,7 mil hectares para 106,6 mil hectares, terá um incremento de 84,7%. Destaca-se o estado de Goiás, onde é esperado um crescimento superior 200%, triplicando a área de cultivo que deverá ficar próxima a 72 mil hectares. Segundo a Embrapa, as operações de semeadura do trigo de sequeiro em GO e DF estiveram concentradas em meados de março, favorecidas pela boa umidade do solo. No cultivo irrigado, a semeadura deverá ocorrer entre 10 de abril e 30 de maio, seguindo o zoneamento agrícola.

Na Região Sudeste, os prognósticos de área plantada com trigo ainda são imprecisos. Em função de o plantio ser mais tardio, técnicos e agentes de mercado da região afirmam que ainda é cedo para se fazer estimativas mais assertivas. Com isso, as estimativas da Conab apontam para a manutenção da área plantada na safra anterior, que foi de 171,6 mil hectares. Segundo a Embrapa, para o estado de Minas Gerais, tudo indica que a área plantada poderá variar entre 86 a 95 mil hectares e para o estado de São Paulo, a Câmara Setorial do Trigo projeta um aumento entre 10 e 15% na área de cultivo. Nessa Região, o plantio do trigo acontece principalmente em sistema de cultivo irrigado, e ocorre entre os meses de abril e maio.

Na Região Sul, principal produtora de trigo do país, o plantio já iniciou. No estado do Paraná, segundo o Deral, o aumento na área de trigo não deverá superar 2% em relação ao ano anterior, ficando próximo a 1,14 milhão de hectares. Para o Eng. Agrônomo do Deral, Carlos Hugo Godinho, na região Sul do estado, o incremento deverá ser de 10% na área, ganhando espaço especialmente sobre cultivos de aveia. No Oeste

do estado, prevê aumento de área de 10% decorrente do não plantio do milho de segunda safra no período adequado em função do atraso na colheita da soja. Godinho ressalta ainda que estimativas mais precisas serão possíveis a partir de abril, quando estiver encerrado o plantio de milho e, sobretudo, quando se efetivarem as primeiras semeaduras de trigo no Norte do estado.

No Rio Grande do Sul, segundo a Embrapa, entidades ligadas ao setor como a Fecoagro/RS, apontam para uma incremento de 10% na área de trigo no estado. Já a consultoria Safras & Mercados, salienta que a depender de condições climática favoráveis e da consolidação da intenção de plantio neste ano, a estimativa de área plantada em todo país é de 2,57 milhões de hectares, alta de 12% em relação aos 2,29 milhões do ano passado. Para o Rio Grande do Sul, a área estimada pela consultoria é de 1,03 milhão de hectares, contra 900 mil hectares em 2020.

Em Santa Catarina a área de cultivo cresceu 15% na última safra. Contudo, o trigo sofreu com geadas localizadas e uma estiagem prolongada que comprometeram a safra, resultando em produtividade média 3% inferior à obtida na safra anterior. Para a nova safra 2021/22, é esperado um aumento de até 10% na área de cultivo, principalmente nas regiões do Planalto Sul, Planalto Norte e Oeste de SC. O plantio no estado tem início a partir da segunda quinzena de maio e vai até final de junho. Contudo, observamos que muitos produtores estão se antecipando na compra de insumos e sementes, dando indicativos de aumento na intenção de plantio.

Na região do Meio Oeste e Planalto Sul catarinense, por exemplo, a cooperativa Copercampos que possui forte atuação na produção de grãos, vem registrando para essa safra, vendas histórias de sementes de trigo. Segundo eles, apenas no município de Campos Novos, a área plantada com trigo deve ultrapassar os 10 mil hectares, ante os 7 mil hectares cultivados na safra passada.

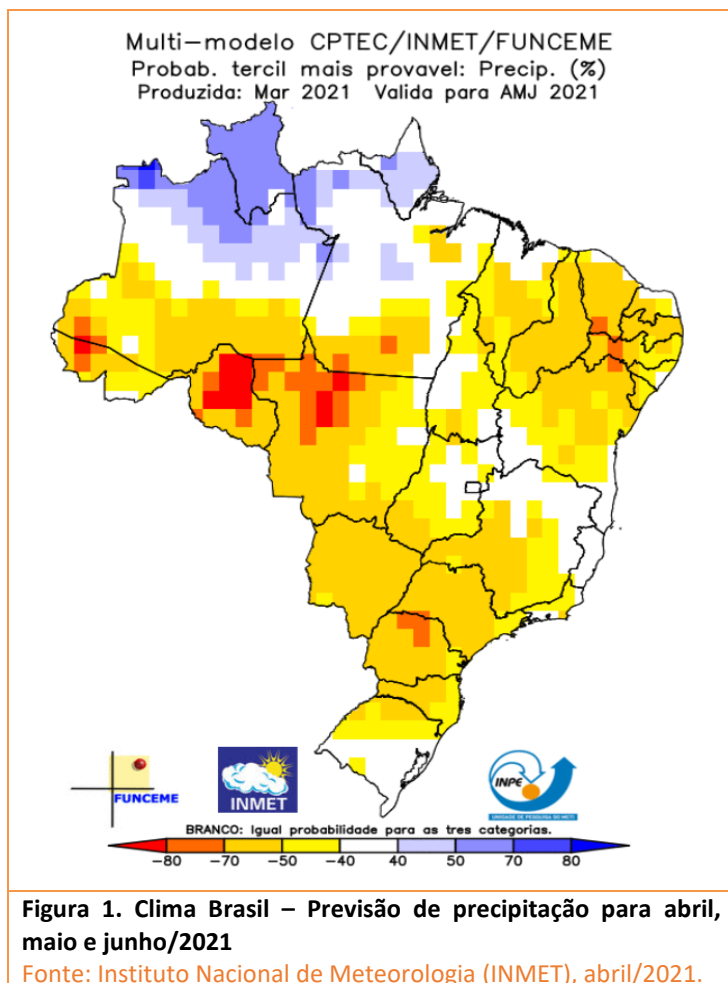
Os fatores que nos auxiliam a fundamentar esse aumento nas estimativas de área de plantio de trigo para a safra 2021/22, são: a) alta nas cotações do dólar, o que inibe a aquisição de trigo importado, favorecendo as vendas e as cotações do trigo nacional; b) aumento na demanda, manifestada pela intensão dos moinhos em adquirir novos lotes do produto; c) melhor utilização dos componentes do custo de produção, como máquinas e mão de obra, além da melhoria nas condições de solo para o plantio direto de culturas de verão e intensificação na utilização das áreas de cultivo (inverno e verão).

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre as safras 2019/20 e 2020/21

Microrregião	Safr 2019/20			Estimativa Safr 2020/21			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	924	2.158	2.335	634	1.285	2.027	-31	-40	-13
Canoinhas	9.500	35.419	3.728	13.300	46.780	3.517	40	32	-6
Chapecó	11.584	34.323	2.963	13.493	35.785	2.652	16	4	-10
Concórdia	706	1.985	2.812	1121	3.355	2.993	59	69	6
Curitibanos	7.301	23.268	3.187	9.040	29.212	3.231	24	26	1
Ituporanga	840	2.078	2.474	781	2.032	2.601	-7	-2	5
Joaçaba	3.848	10.939	2.843	3.987	9.779	2.453	4	-11	-14
Rio do Sul	200	485	2.425	250	605	2.420	25	25	0
São Bento do Sul	500	1.710	3.420	700	2.310	3.300	40	35	-4
São Miguel do Oeste	3.748	8.100	2.161	4.595	11.870	2.583	23	47	20
Xanxerê	11.650	34.309	2.945	10.531	29.065	2.760	-10	-15	-6
Santa Catarina	50.801	154.774	3.047	58.432	172.079	2.945	15	11	-3

Fonte: Epagri/Cepa, abril/2021.

Previsão Climática



A figura 1 mostra a previsão probabilística de precipitação para o Brasil. Segundo o INMET, para o trimestre abril-maio-junho (AMJ) de 2021, a previsão indica maior probabilidade de chuva abaixo do normal sobre a maior parte do território nacional. A exceção ocorre na região Norte, com maior probabilidade para precipitação acima da faixa da normal.

Para a Região Sul, as previsões indicam que o trimestre deve ficar com chuvas abaixo da média climatológica em grande parte da região. Já nos meses de abril e maio/2021, existe uma tendência de redução nos valores de excedente hídrico para o solo.

Pelo fato do trimestre (AMJ) ser um período de transição da estação chuvosa para a estação seca nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, a maior probabilidade para a categoria abaixo da faixa da normal não descarta a possibilidade que ocorram eventos isolados de precipitação intensa pelo menos até meados de abril.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

A cultura do alho em Santa Catarina, estado pioneiro na produção comercial dessa hortaliça no país, se caracteriza por ser realizada por pequenos produtores familiares. Nesse sentido as políticas públicas de fomento e apoio cumprem um papel central no desenvolvimento da cadeia produtiva. Desde o crédito rural, passando pela pesquisa e pela assistência técnica e extensão rural, dentre outros, são marcos históricos que contribuíram para o estabelecimento da cultura no estado.

Nesse sentido, com a ocorrência de problemas climáticos na safra 20/21, cuja comercialização está em andamento, muitos produtores tiveram que acionar o Proagro em função das perdas que afetaram a produção. De acordo com os dados do Banco Central do Brasil, em Santa Catarina 199 agricultores obtiveram financiamentos de custeio de lavoura na cultura do alho, abrangendo uma área de 336 ha e um valor financiado de R\$16.691.401,35. Dos 199 agricultores, 43 comunicaram a ocorrência de perdas nas lavouras em função dos problemas climáticos. Até o momento o Banco Central deferiu e pagou 12 solicitações de Proagro totalizando um montante de R\$590.199,76 em indenizações. Os demais se encontram em processo de análise e o montante possível de indenização pode alcançar a R\$2.155.536,29. Os números expressam a importância de políticas públicas de apoio à garantia da atividade e a sustentação da renda no meio rural.

Preço

Em março, no mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado, na primeira semana a R\$16,96/kg, e após pequena redução na segunda quinzena, fechou o mês aos mesmos R\$16,96/kg. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$18,15/kg para R\$18,96/kg, representando aumento de 4,27%, e o alho classe 7 fechou fevereiro ao valor de R\$21,73/kg, com aumento de 8,9% no mês.

Na primeira quinzena de abril os preços no atacado, para todas as classes do alho roxo nacional, tiveram aumento em relação ao final do mês de março, com variação para o alho classe 5 de 1,96%, de 2,56% para o classe 6 e de 2,55% para o alho classe 7.

O alho argentino fechou o mês de março com preço de R\$13,78/kg, R\$15,35/kg e R\$16,49/kg para as classes 5, 6 e 7, respectivamente. Nesse sentido, cabe ressaltar o bom posicionamento conquistado pelo alho brasileiro no mercado nacional com preços acima dos praticados pelos concorrentes tradicionais, como é o caso o produto argentino. É o esforço dos produtores e da cadeia produtiva sendo reconhecidos pelo mercado e o consumidor que cada vez mais valorizam a qualidade do produto nacional.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o preço do alho nobre nacional teve aumento no mês de março. O alho classes 4 e 5, que iniciou o mês de fevereiro a R\$14,00/kg, fechando o mês a R\$16,00/kg, representando aumento de 14,28%. No mesmo período, o alho classes 6 e 7 subiu de R\$17,00/kg para R\$17,50/kg, com aumento de 2,94%.

Em relação à comercialização da safra catarinense 2020/2021, embora os preços se mantenham em patamares acima do custo médio de produção, o ritmo permanece “lento”. Dois fatores podem estar contribuindo para esta conjuntura, como as restrições decorrentes das estratégias do controle da Covid-19 em importantes centros de consumo, e a estratégia dos produtores em escalonar a comercialização na

tentativa de obtenção de melhores preços pelo produto.

No mês de março, de acordo com a Epagri/Cepa, o preço médio pago ao produtor para o alho classes 2 e 3 foi de R\$6,50/kg, representando redução de 0,92% em relação a fevereiro. Para o alho classes 4 e 5 o preço médio foi de R\$ 9,25/kg, aumento de 3,12% e para o alho classes 6 e 7 o preço médio foi de R\$11,50/kg, aumento de 3,23%.

Produção

Em sua totalidade, as lavouras já foram colhidas e o produto está em processo de cura, armazenamento e classificação para a comercialização. Estima-se que o volume comercializado da safra catarinense já tenha atingido em torno de 55% a 60% da produção total.

Por outro lado, em Santa Catarina as expectativas se voltam para a safra de 21/22. Nesse sentido, apesar dos problemas climáticos da última safra que afetaram significativamente a produção, espera-se que os preços recebidos pelos produtores sejam relativamente bons, enquanto que as políticas públicas de crédito rural, o PROAGRO e o seguro rural, além da tradição com a cultura no estado, contribuam para Santa Catarina se mantenha entre os maiores produtores da hortaliça do país. A estimativa de plantio para a próxima safra está sendo levantada e deverá ser concluída no mês de maio.

Comércio exterior

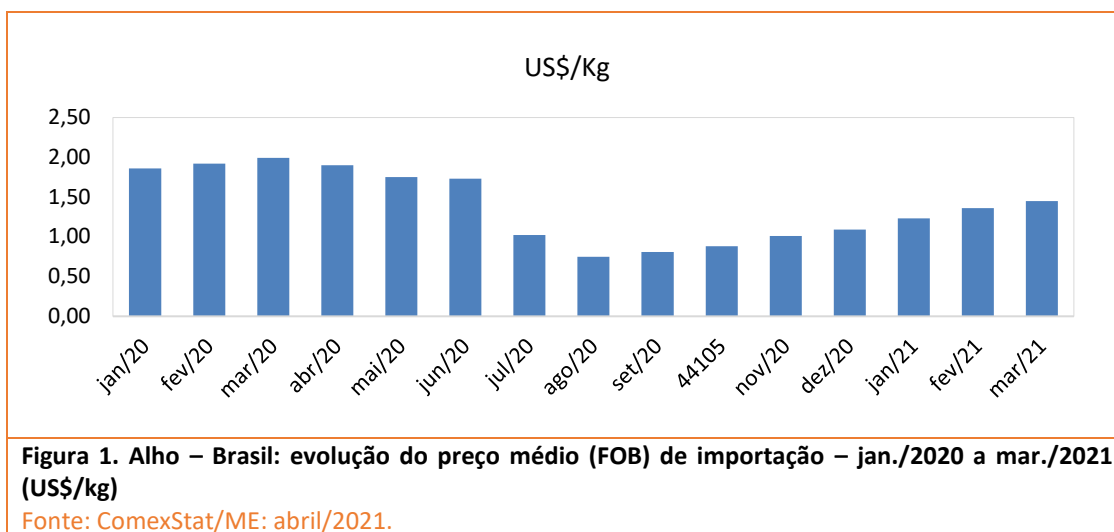
Em março de 2021 foram importadas 13,76 mil toneladas, volume 18,89% inferior a março de 2020. Comparativamente, nos primeiros três meses do presente ano as importações representam um volume de 40,1 mil toneladas, enquanto que no mesmo período do ano de 2020 o volume importado foi de 51,86 mil toneladas, uma redução de 29,32% no período, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2017 a fev./2021 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	13,76	-	-	-	-	-	-	-	-	-	40,10

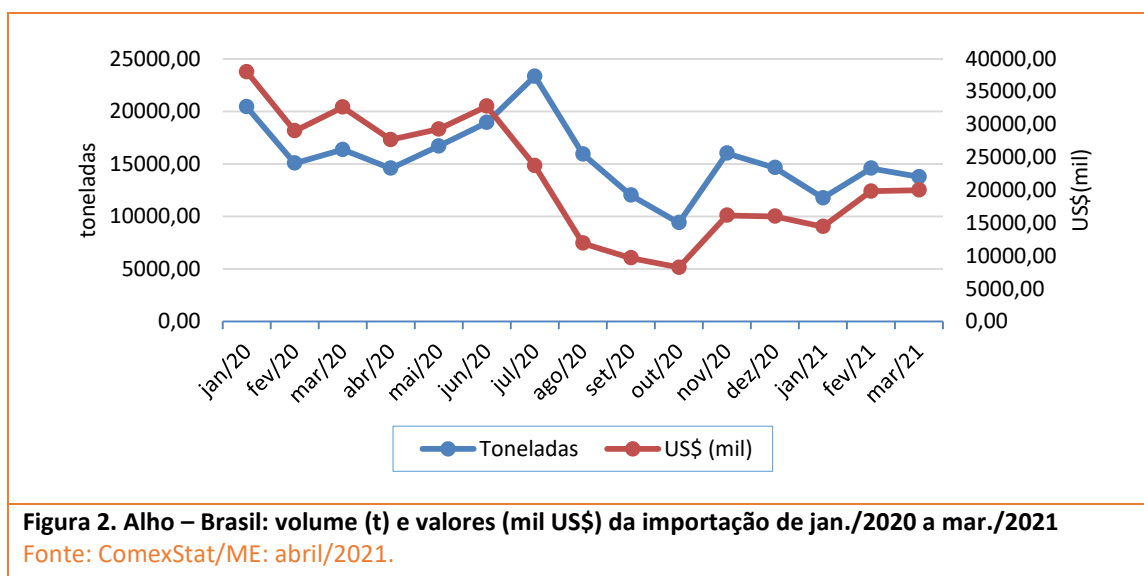
Fonte: Comexstat/ME: abril/2021.

O preço médio (FOB) do alho importado, em março manteve a tendência de recuperação comparativamente aos meses anteriores. Em relação ao mês de fevereiro, o preço do alho importado pelo Brasil teve aumento 6,62% no preço médio, que passou de US\$1,36/kg para US\$1,45/kg, conforme exposto na figura 1.

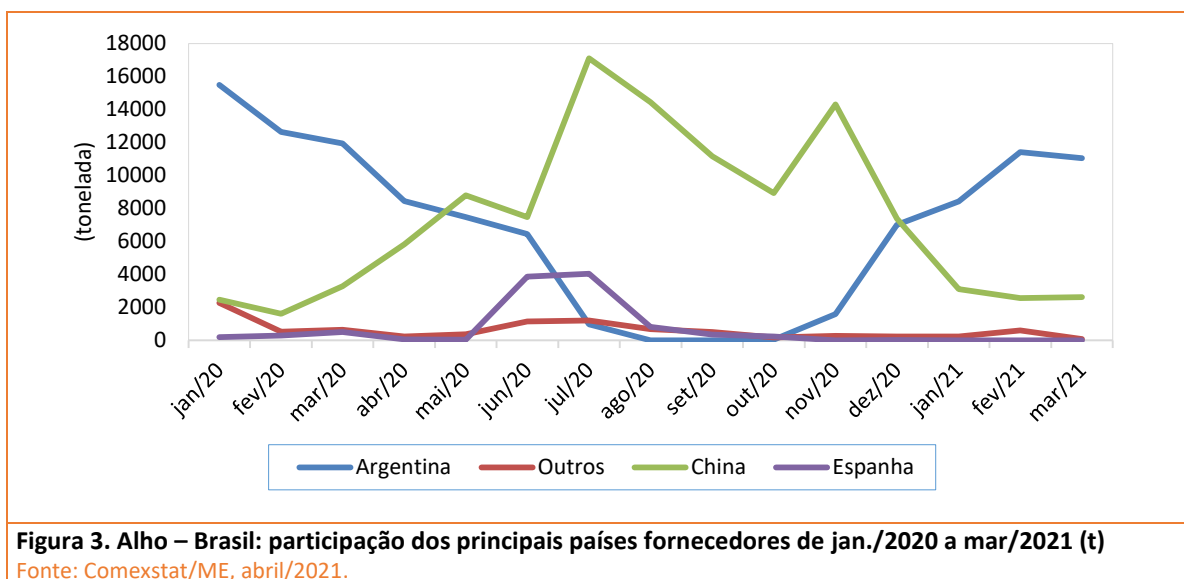


Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal, pelo Brasil, no período de janeiro de 2020 a março de 2021.

O desembolso com a importação da hortaliça no mês de março/21 foi de US\$20,01 milhões (FOB), indicando um crescimento de 0,85% em relação a fevereiro de 2021. O volume importado foi de 13,76 mil toneladas, redução de 5,88% no mesmo período.



Em março/21, os principais fornecedores de alho para o Brasil foram a Argentina, com 11,05 mil toneladas, representando 80,0% do total importado, a China, com 2,63 mil toneladas, 19,0% do total. A soma de outros países alcançou somente 0,08mil toneladas, ou 1,0% do total, como indica Figura3.



Como comentamos nesta edição, o alho nacional se firma na preferência do consumidor apesar da entrada de alhos no país com preços, a princípio irreais, como por exemplo, os praticados no alho chinês. A produção da hortaliça no Brasil avançou significativamente em volume e em qualidade nos últimos anos em função da adoção de tecnologias geradas pela EMBRAPA e pela EPAGRI, seja no manejo da cultura, tratamentos culturais, consolidação das propriedades no uso da irrigação, mas de forma especial o uso de sementes livre de vírus que, segundo a EMBRAPA pode contribuir para aumento da produtividade em até 30%. Nesse sentido, a cadeia produtiva da cultura está no caminho para cada vez mais obter melhores desempenhos produtivos e econômicos.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A comercialização da safra catarinense de cebola, iniciada nos meses de novembro e dezembro de 2020, se aproxima da fase final. No balanço geral da safra, apesar da ocorrência de problemas climáticos em praticamente todo o ciclo da cultura, pode-se afirmar que os produtores catarinenses obtiveram, de forma geral, bons resultados econômicos. Porém, é preciso ser destacado que durante o período alguns municípios tiveram ocorrência de chuva de granizo, fato que provoca perdas e prejuízos, por vezes, significativos, podendo chegar a perda total da produção de uma safra.

Um indicativo sobre a severidade das perdas na produção de cebola no estrado pode ser visto pelos dados do PROAGRO. Segundo dados parciais do Banco Central, na safra 20/21 de cebola em Santa Catarina, 3.518 produtores financiaram as lavouras, cuja área total foi de 12.697,7ha. Esta área correspondendo a 72,84% do total da área plantada no estado com a cultura. O número de produtores que recorreram ao PROAGRO por terem perdas amparadas foi de 2.675, correspondendo a 76,03% dos que financiaram o custeio da lavoura de cebola. A área afetada foi de 9.758,6ha correspondendo a 55,98% da área total plantada com a cultura em Santa Catarina.

Em termos de indenizações aos produtores, os dados apontam para o seguinte: Número de contratos em análise pelo Banco Central, 262. Número de contratos analisados e deferidos, 2.363, com valor total indenizado de R\$144.395.935,13. Nesse sentido, cabe registrar o papel estratégico do crédito rural para a atividade, associado aos mecanismos de seguros e garantias da atividade, no caso o PROAGRO em situação de eventos climáticos adversos como os que ocorreram nesta safra.

Preços e Mercado

O mercado da cebola, desde o início do ano se manteve com preços firmes, provocados pela menor oferta da safra sulista e importações, que embora maiores que em anos anteriores não chegaram a afetar o mercado interno.

No mês de março os preços pagos ao produtor, mesmo com algumas reduções em relação a fevereiro se mantiveram em patamares acima do custo médio, portanto, permanecendo condições favoráveis aos produtores em termos de retorno econômico com a atividade.

Nas principais praças de comercialização de Santa Catarina, como Ituporanga, Rio do Sul e Lebon Régis, no final da primeira quinzena e início da segunda do mês de março, o preço da cebola teve redução de até 26% em relação ao mês de fevereiro. Podemos apontar como possíveis causas para o ocorrido, as seguintes: as restrições devidas ao controle da Covid-19; a crise econômica nacional, que rebate sobre o consumo de alimentos; as expectativas em relação as importações de cebola, especialmente da Argentina, e seus possíveis impactos no mercado.

Convém destacar ainda, que na última semana, os preços ao produtor reagiram e alcançaram a R\$2,40/kg em Ituporanga e R\$2,20/kg em Lebon Régis.

Na CEAGESP/SP, o mês de março iniciou com preço da cebola a R\$3,16/kg, valor que representa aumento de 4,29% em relação aos preços praticados no final de fevereiro. A partir da segunda semana do mês de março houve redução de preços, passando para R\$2,90/kg, fechando o mês a R\$2,95/kg, apresentando uma redução de 7,11% em relação ao início do mês.

Abril iniciou com preços da hortaliça nacional em recuperação do preço no atacado paulista, atingindo no dia 01 o valor de R\$3,13/kg, o que representa um aumento de 6,10% em relação ao final do mês de março.

Nesse período a cebola argentina foi comercializada a R\$3,29/kg.

Após a primeira semana do mês, os preços tiveram baixas, fechando no dia 16/04 no valor de R\$2,83/Kg, que representa uma redução de 10,60% em relação ao início do mês.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de março iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$3,00/kg, valor que representa um aumento de 9,09% em relação ao início de fevereiro. O mês de abril iniciou com preço em alta, passando para R\$3,25/kg, um aumento de 8,3% em relação ao início do mês de março e mantendo-se nesse patamar até o dia 16/04.

Safra catarinense

De acordo com o levantamento de campo realizado pela Epagri/Cepa, a colheita da safra catarinense de cebola foi concluída e estima-se que cerca de 95% já está comercializada. Como já citado na edição anterior do boletim agropecuário (qual edição?), apesar dos problemas climáticos ocorridos em praticamente todo o ciclo da cultura, a safra catarinense de cebola apresenta bons resultados para a maioria dos produtores. Como já registrado, nos casos onde o produtor teve perdas significativas, o PROAGRO contribuiu para a redução dos prejuízos nas unidades afetadas.

Importação

De acordo com os dados do SISCOMEX/ME, em 2020, o Brasil importou 197,7 mil toneladas de cebola, volume 6,51% menor que no ano de 2019. O pico da entrada de cebola no Brasil ocorreu nos meses de abril, maio e junho, superando significativamente os mesmos períodos dos anos anteriores. Nesse ano, o volume importado no primeiro trimestre é superior aos últimos quatro anos para o período e atingiu 41.758,5 mil toneladas, aumento de 118% em relação ao ano mesmo período do ano passado Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de 2018 a fevereiro de 2021 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	417	6.549	22.546	37.380	34.323	14.422	162	115	115	230	491	1.136	117.886
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640,51	197.756
2021	910,8	14.808	26.040	-	-	-	-	-	-	-	-	-	41.758,8

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, abril/2021.

O Brasil é um importante mercado para a produção de cebola de diversos países. Na tabela 2 são apresentados os principais países fornecedores da hortaliça em 2020, com os respectivos volumes, valores e preço médio FOB. Destaca-se a Argentina, com 155,09 mil toneladas, perfazendo 78,43% do total importado pelo país. A seguir vem o Chile, com 23,14 mil toneladas, 11,70% do total e, em terceiro, os Países Baixos, com 7,23% do total importado. O custo médio FOB foi de US\$0,21/kg, influenciado pelo preço da Argentina, que foi de US\$0,17/kg.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2020

Países	Valor FOB (mil US\$)	Volume (t)	Valor US\$/kg
Argentina	26.244,2	155.098,9	0,17
Chile	8.782,1	23.142,5	0,38
Países Baixos	4.976,5	14.301,9	0,35
Espanha	2.080,8	4.751,5	0,44
Nova Zelândia	118,2	234,0	0,51
Peru	49,5	122,0	0,41
Reino Unido	29,6	78,0	0,38
Bélgica	11,0	28,0	0,39
Total	42.291,9	197.756,7	0,21

Fonte: Fonte: ComexStat/ME, janeiro/2021.

Em março, foram importadas 26,04 mil toneladas de cebola, cujo volume representa um significativo aumento em relação aos meses anteriores. O desembolso total (FOB) foi de US\$6,90 milhões, como apresentado na Figura 1. Nesse sentido, o mercado interno aquecido e o câmbio favorável viabilizou a entrada de cebola em volume praticamente 100% superior ao mesmo mês de 2020.

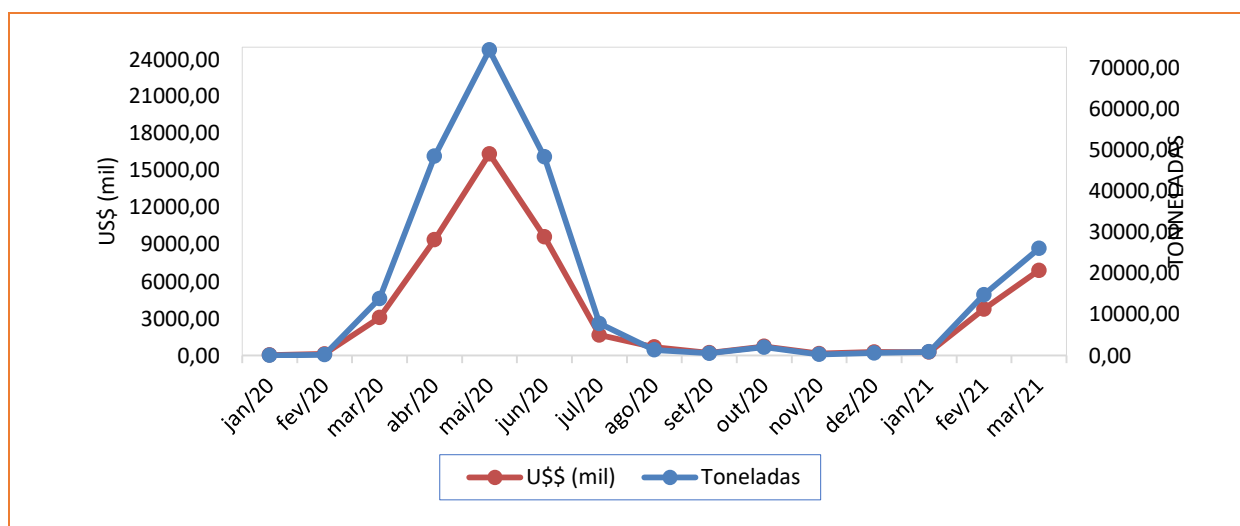
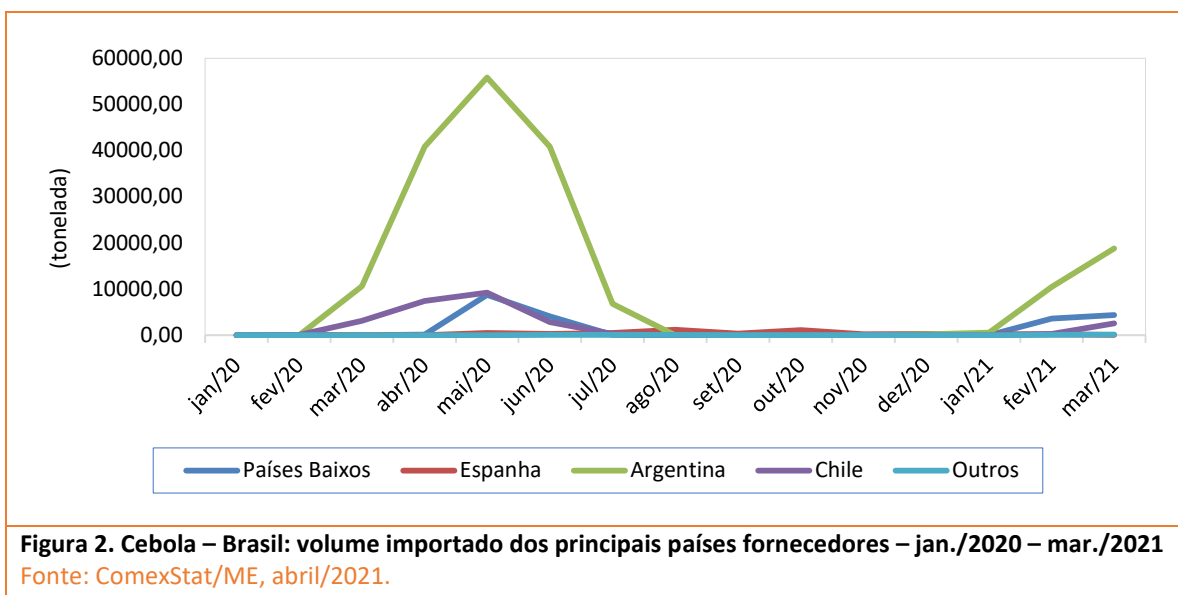


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2020 a mar/2021

Fonte: ComexStat/ME, abril/2021.

Os principais países fornecedores da hortaliça ao Brasil no mês de março foram a Argentina com 18,82 mil toneladas, volume que representa 72,32% do total, a Holanda com 4,41 mil toneladas com 16,93% do volume total, o Chile com 2,55 mil toneladas, 9,80% do volume total e outros com 247 toneladas, representando 0,95% do total importado, conforme identificado na Figura 2.



Santa Catarina é o estado de maior produção nacional de cebola, tendo a agricultura familiar expressivo protagonismo na produção da hortaliça. Nesse contexto, as políticas públicas exercem papel fundamental no apoio e sustentabilidade da atividade especialmente em situação como a vivida nesta safra, em que eventos climáticos afetaram a produção de muitos produtores.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de abril, os preços do frango vivo apresentaram movimentos distintos nos três estados acompanhados. Na comparação com o mês anterior, os valores preliminares de abril registraram quedas no Paraná e em São Paulo: -2,7% e -1,0%, respectivamente. Em Santa Catarina, por sua vez, observou-se alta de 2,5%.

Na comparação com os preços praticados em abril de 2020, as variações são expressivas nos três estados: 83,5% em São Paulo, 49,3% no Paraná e 29,1% em Santa Catarina.

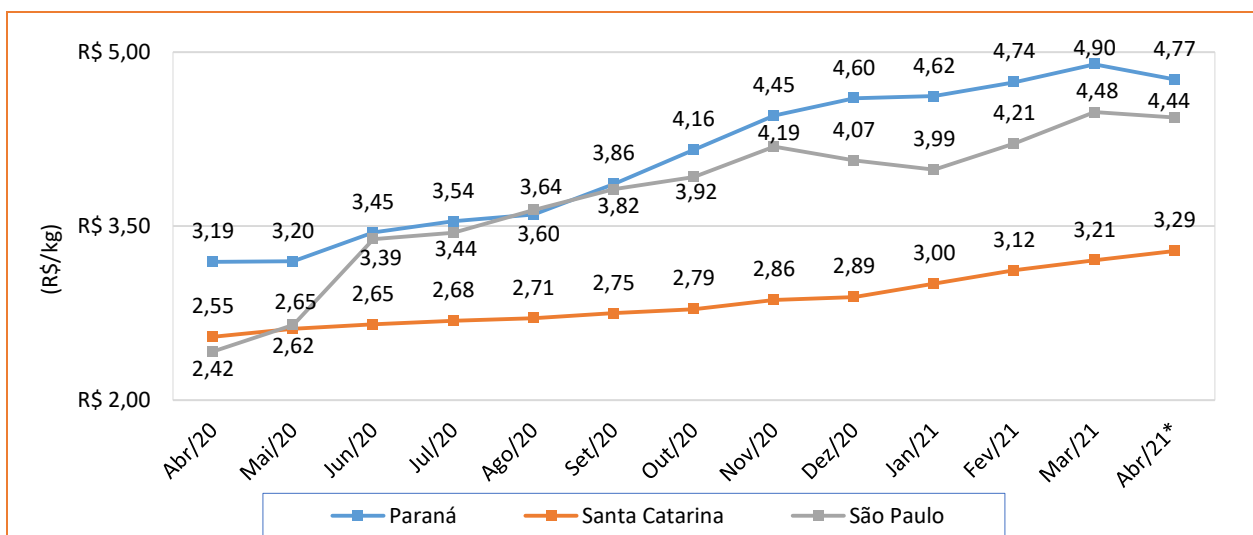


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Em Santa Catarina, duas das três praças de levantamento de preços registraram altas nas primeiras semanas de abril em relação ao mês anterior: 5,5% no Sul Catarinense e 1,8% em Chapecó. Em Joaçaba o preço manteve-se inalterado. Na comparação com os preços do mesmo mês de 2020, as variações são positivas em todas as praças: 45,8% em Chapecó, 34,8% no Sul Catarinense e 6,5% em Joaçaba.

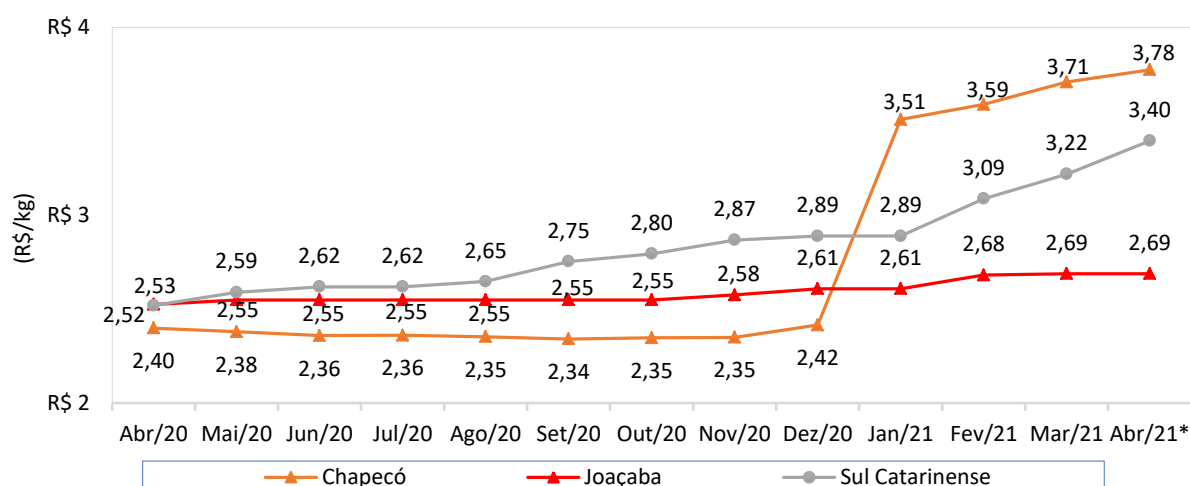


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

No período de 1 a 20 de abril, observaram-se altas nos preços de atacado acompanhados pela Epagri/Cepa, quando comparados ao mês anterior: peito com osso congelado (3,4%), frango inteiro congelado (1,5%), coxa/sobrecoxa congelada (1,4%) e filé de peito congelado (1,0%). A variação média foi de 1,8%.

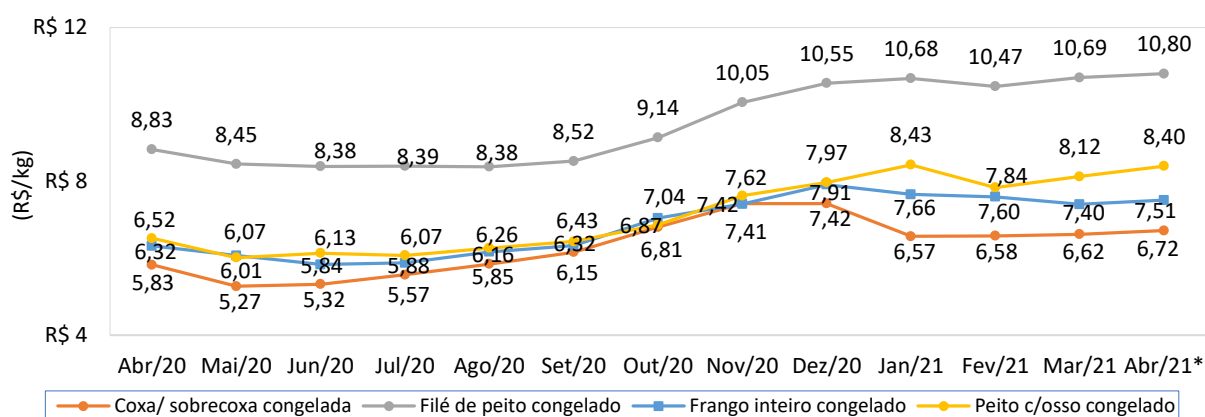


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Embora a perda do poder de compra de grande parte dos consumidores ainda se faça presente, provocando limitações de demanda no mercado interno, é provável que o crescimento das exportações tenha contribuído no “enxugamento” da oferta e, com isso, provocado a elevação dos preços. A gradual reabertura, em alguns estados, de restaurantes e serviços de alimentação que se encontravam fechados ou funcionando com restrições em função das medidas de controle da pandemia, também contribuiu com a ampliação da demanda e a consequente alta nos preços.

A comparação entre os valores preliminares de abril e o mesmo mês de 2020 demonstra que todos os cortes apresentaram variações positivas: peito com osso (28,8%), filé de peito (22,3%), frango inteiro (18,9%) e coxa/sobrecoxa (15,2%). A variação média no período foi de 21,3%.

Embora as variações nos preços de atacado da carne de frango estejam abaixo dos índices de elevação dos custos de produção, as dificuldades econômicas enfrentadas pelo país desfavorecem reajustes expressivos desse produto. Uma das apostas do setor tem sido a eventual melhoria na demanda decorrente da nova rodada do auxílio emergencial. Contudo, é necessário levar em consideração que o auxílio terá valor menor, duração de apenas 3 meses e amplitude mais restrita do que em 2020, o que reduz seus potenciais impactos sobre esse setor.

Custos

A elevação dos gastos com nutrição tem sido uma preocupação constante do setor avícola nos últimos meses, situação que deve se manter inalterada ao longo deste ano. O milho, principal componente das rações para animais, superou o recorde histórico de preço recentemente, causando preocupações para produtores e agroindústrias de carnes.

Não obstante esse cenário, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou queda de 0,7% em março, na comparação com o mês anterior. Por outro lado, nos últimos 12 meses a variação foi de 43,4%, impulsionada pela elevação dos custos com nutrição (37,7%). A alta acumulada no ano é de 11,3%.

A relação de equivalência insumo-produto apresentou alta de 9,3% nas primeiras semanas de abril, principalmente em função do aumento de 11,2% no preço de atacado do milho, parcialmente compensado pela elevação no preço do frango vivo (1,8%). Na comparação com abril de 2020, o valor atual da relação de equivalência registra alta de 50,7%.

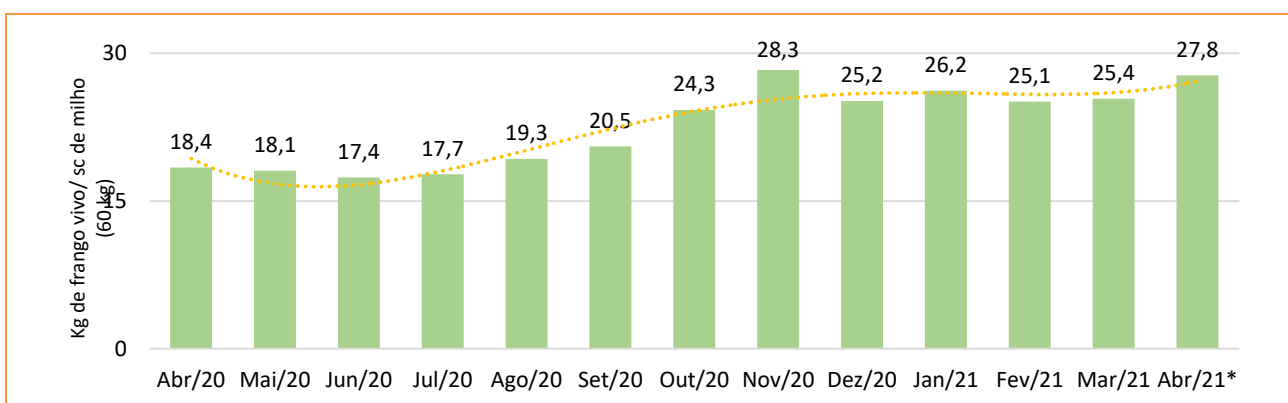


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* O valor de abril é preliminar, relativo ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

No âmbito do setor avícola, as empresas de pequeno e médio porte, que geralmente possuem limites mais estreitos de capital de giro e menor capacidade de absorver os impactos negativos da elevação dos custos, devem ser as mais prejudicadas pelo cenário atualmente vislumbrado no país. Da mesma forma, as empresas ancoradas no mercado interno terão maiores dificuldades para enfrentar essa crise do que aquelas que exportam percentual significativo de sua produção.

Além do reajuste de preços no mercado interno, estratégia que depende da situação geral da economia, muitas empresas tem apontado a redução da produção como alternativa para minimizar os prejuízos registrados nos últimos meses. A própria Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) já sinalizou que será necessário rever os índices de crescimento da produção projetados no final de 2020. Na ocasião, estimava-se aumento de 3,3% a 5,5%.

Vale destacar que, de acordo com dados divulgados pela Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte (Apinco), houve um aumento de aproximadamente 5% no número de matrizes alojadas e consequente crescimento da capacidade de produção de pintos de corte, principalmente em função da expectativa de crescimento do setor para este ano. Ainda segundo a entidade, em dezembro do ano passado, o número de pintos produzidos foi 9,6% superior a dezembro de 2019. Contudo, depois disso observou-se desaceleração nesse processo: em janeiro, a produção foi 2,9% maior do que no mesmo mês do ano passado, enquanto em fevereiro a alta foi de apenas 0,6% em relação a 2020.

Comércio exterior

Em março, o Brasil exportou **383,94 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), alta de **13,0%** em relação ao mês anterior e de **11,8%** na comparação com março de 2020. As receitas foram de **US\$ 589,45 milhões**, alta de **15,4%** em relação a fevereiro e de **8,1%** na comparação com março do ano passado.

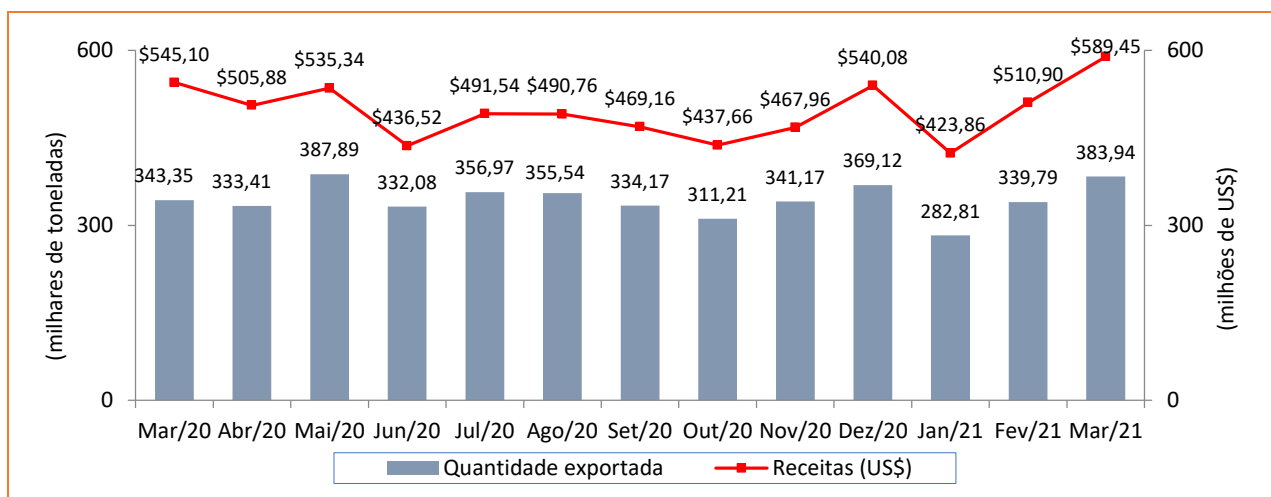


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No acumulado do 1º trimestre, o país exportou **1,01 milhão de toneladas**, com receitas de **US\$1,52 bilhão**, alta de **0,3%** em quantidade e queda de **5,6%** em valor, na comparação com mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango até o momento são China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Reino Unido, responsáveis por 53,5% das receitas do período.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **84,68 mil toneladas** de carne de frango em março (*in natura* e industrializada), alta de **4,7%** em relação ao mês anterior, mas **1,1%** abaixo do montante embarcado em março de 2020. As receitas foram de **US\$138,84 milhões**, crescimento de **7,0%** em relação ao mês anterior, mas queda de **3,1%** na comparação com março de 2020.

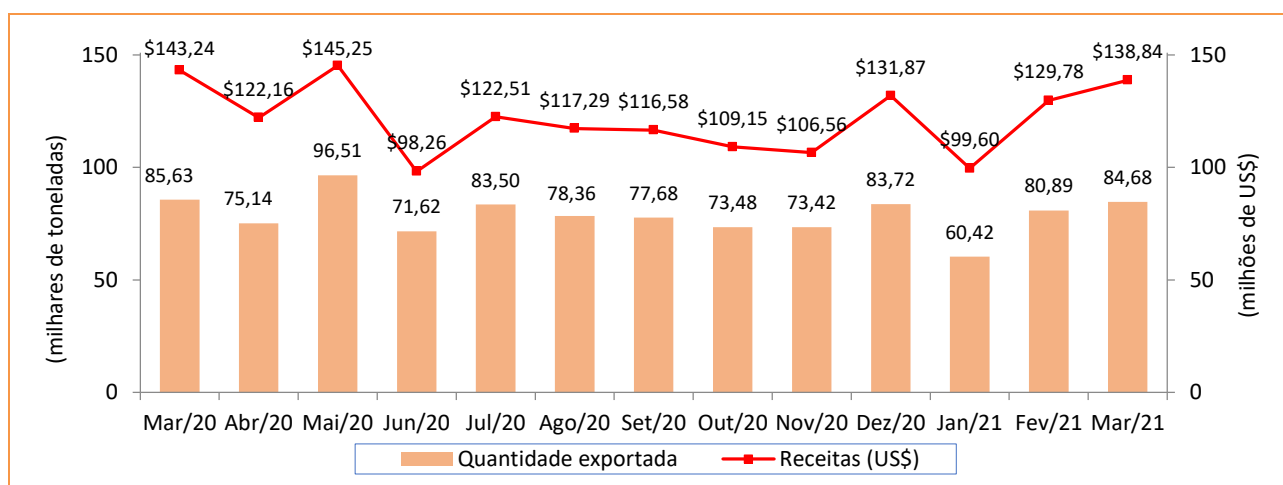


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em março foi de **US\$ 1.571/tonelada**, alta de **2,4%** em relação ao mês anterior, mas **2,2%** abaixo do valor recebido em março de 2020.

No acumulado do 1º trimestre, Santa Catarina exportou **225,98 mil toneladas**, com receitas de **US\$368,22 milhões**, quedas de **10,1%** e **14,0%**, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **24,2%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango este ano.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense no 1º trimestre, os quais responderam por 57,4% das receitas e 51,3% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º trimestre/2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	65.250.615,00	36.220
China	46.097.336,00	26.436
Arábia Saudita	35.084.951,00	18.953
Países Baixos (Holanda)	34.848.403,00	15.406
Emirados Árabes Unidos	30.006.047,00	18.962
Demais países	156.931.909,00	110.002
Total	368.219.261,00	225.979

Fonte: Comex Stat.

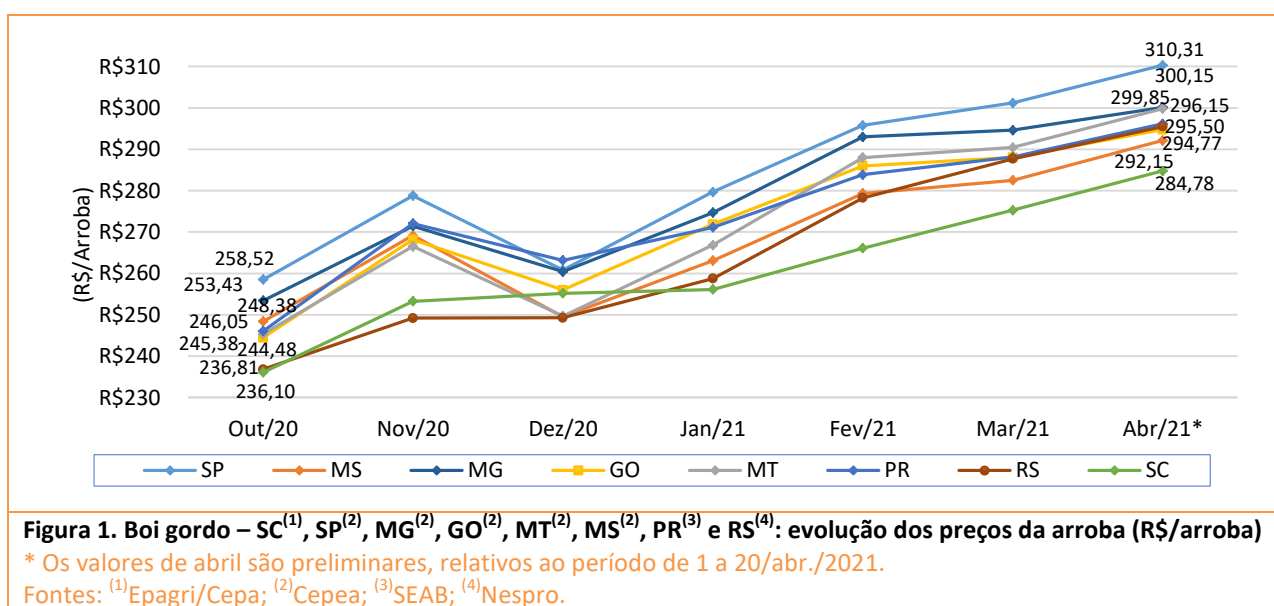
Dentre os dez principais destinos, seis registraram variação negativa nas receitas do 1º trimestre, quando comparados ao mesmo período de 2020, com destaque para Japão (-11,2%), China (-29,3%) e Emirados Árabes Unidos (-12,4%). No que tange às variações positivas, destacam-se os resultados observados nas exportações para Arábia Saudita (6,2%) e Países Baixos (9,2%).

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de abril, mais uma vez observou-se a predominância de movimentos de alta nos preços do boi gordo em todos os estados analisados no âmbito deste boletim. Na comparação com o mês anterior, os valores preliminares apresentaram as seguintes variações: 3,5% em Santa Catarina, 3,4% no Mato Grosso do Sul, 3,2% no Mato Grosso, 3,0% em São Paulo, 2,8% no Paraná, 2,7% no Rio Grande do Sul, 2,3% em Goiás e 1,9% em Minas Gerais.



Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em abril de 2020, as diferenças são expressivas em todos os estados: 71,0% no Mato Grosso, 65,6% em Goiás, 65,5% no Mato Grosso do Sul, 61,5% no Paraná, 60,3% em São Paulo e Minas Gerais, 52,5% em Santa Catarina e 47,4% no Rio Grande do Sul.

Há expectativa de que ocorra uma elevação na oferta de animais nos meses de maio e junho, período em que as pastagens sofrem deterioração em função do clima seco, principalmente no Centro-Oeste, região que concentra a maior fatia da produção nacional de bovinos. Com isso, reduz-se a capacidade de retenção por parte dos pecuaristas. Contudo, mesmo se concretizado tal cenário, não são esperadas quedas muito significativas nos preços do boi gordo.

Os frigoríficos que atuam somente no mercado interno têm enfrentado uma situação bastante crítica, em função da impossibilidade de repassar aos consumidores os aumentos nos preços do boi gordo. Esse cenário tem levado muitos abatedouros a reduzirem seu ritmo de produção ou, em alguns casos, a paralisarem as atividades. Segundo levantamento divulgado recentemente por uma consultoria do setor agropecuário, a taxa de ociosidade dos abatedouros de bovinos do país teria atingido 45% no final do 1º trimestre, fruto da combinação entre escassez de matéria-prima, aumento de custos e mercado interno enfraquecido.

Em Santa Catarina, observaram-se altas nas duas praças de referência do boi gordo, na comparação entre os preços preliminares das primeiras semanas de abril e o mês anterior: 2,1% em Lages e 0,7% em Chapecó. Em relação a abril de 2020, as altas são significativas em ambas as praças: 51,6% em Lages e 44,5% em Chapecó.

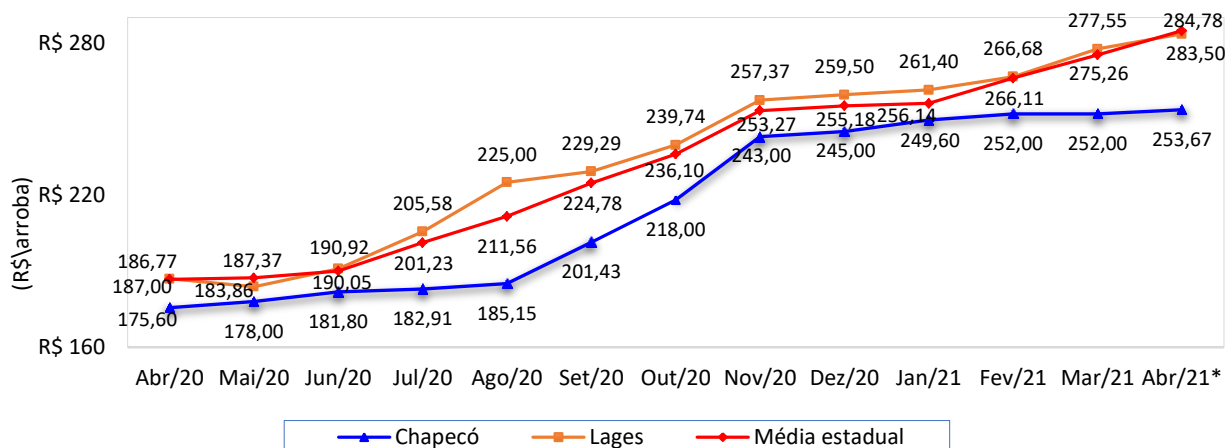


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de abril, mais uma vez, os preços de atacado da carne bovina mantiveram o movimento de alta que vem sendo observado desde meados do ano passado. Em relação a março, observaram-se aumentos de 2,6% para a carne bovina de dianteiro e de 2,4% para a carne bovina de traseiro, com média de 2,5%. No ano, a alta média acumulada é de 10,4%.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em abril de 2020, as altas são de 42,6% para a carne de dianteiro e 36,4% para a carne de traseiro, média de 39,5%. As altas mais significativas ocorreram nos cortes de dianteiro, que, em geral, possuem preços menores que os cortes de traseiro. Isso é reflexo da maior procura por carnes mais baratas, dada a queda na renda da maioria dos consumidores. As limitações no funcionamento de bares e restaurantes, decorrentes do agravamento da pandemia de Covid-19 nos últimos meses, também contribuíram para esse cenário, já que parcela significativa dos estabelecimentos utilizam cortes mais nobres na preparação dos pratos.

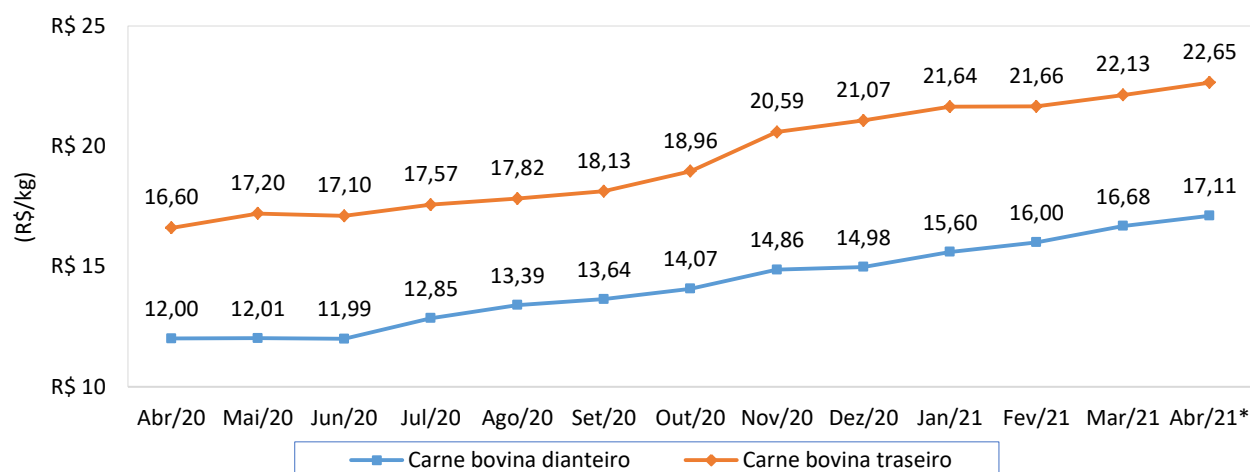


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

No período de 1 a 20 de abril, os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina mantiveram o movimento de alta que vem sendo observado desde meados do ano passado. Na comparação com março, os aumentos foram bastante expressivos: 12,1% para os bezerros de até 1 ano e 10,7% para os novilhos de 1 a 2 anos. É importante registrar que os valores de abril são preliminares, podendo sofrer alterações no restante do mês. No ano, as altas acumuladas até o momento são de 25,5% para os bezerros e 26,2% para os novilhos. Na comparação com abril de 2020, por sua vez, as variações são ainda maiores: 57,3% para os bezerros e 57,6% para os novilhos.

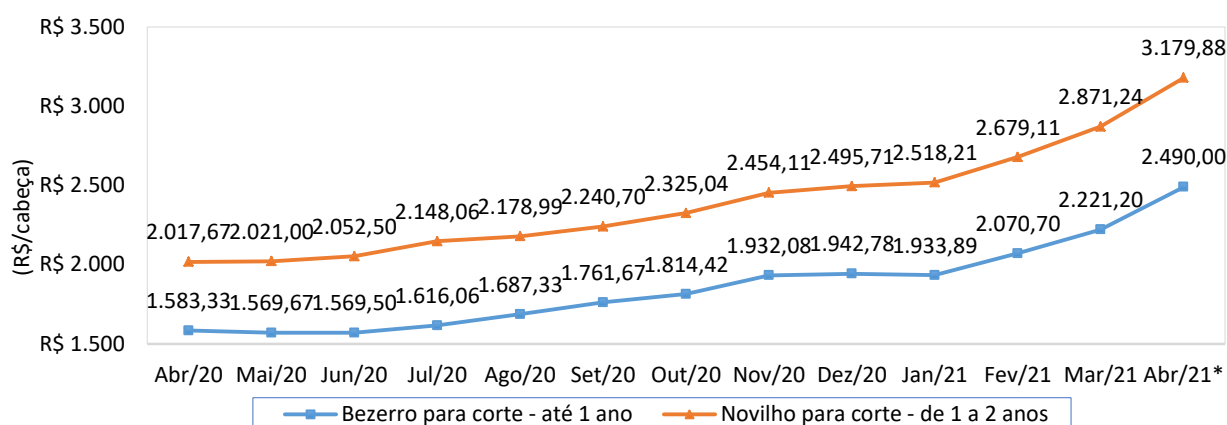


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em março, o Brasil exportou **158,34 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **28,2%** em relação ao mês anterior e de **7,8%** na comparação com março de 2020. As receitas foram de **US\$711,27 milhões**, alta de **29,1%** em relação ao mês anterior e de **11,9%** na comparação com março de 2020.

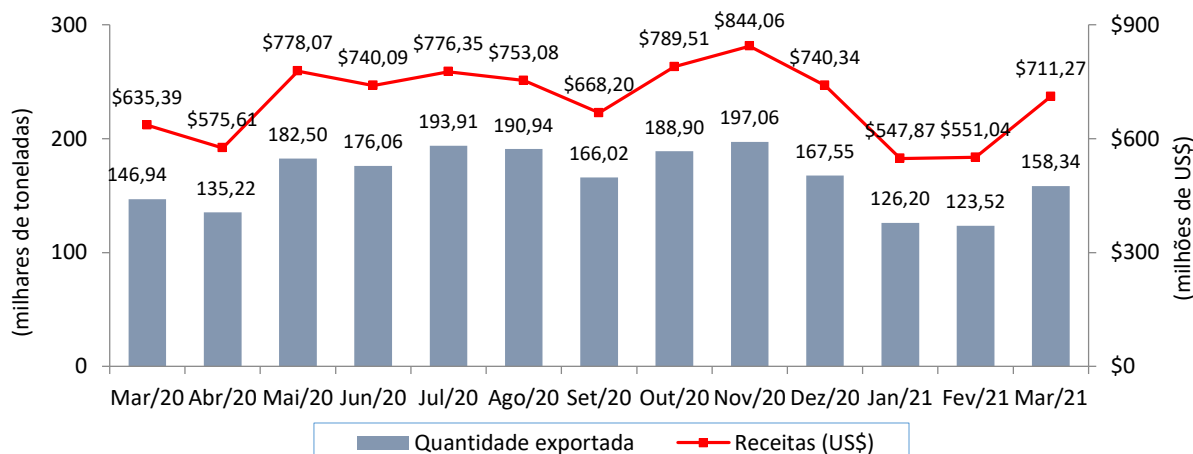


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em março foi de **US\$ 4.612/tonelada**, alta de **1,6%** em relação ao mês anterior e de **5,0%** na comparação *com* março de 2020.

No 1º trimestre, o Brasil exportou **408,06 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$1,81 bilhão** em receitas, quedas de **1,2%** e **0,2%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. China e Hong Kong responderam por 60,1% das receitas brasileiras com exportações desse produto no ano.

Dentre os dez principais destinos da carne bovina brasileira, cinco apresentaram quedas nas receitas do 1º trimestre, com destaque para Hong Kong (-15,5%) e Chile (-19,5%). Por outro lado, altas relevantes foram observadas nas receitas das exportações para China (16,7%) e Estados Unidos (103,8%).

Santa Catarina, por sua vez, exportou **256 toneladas** de carne bovina em março, com faturamento de **US\$987 mil**, altas de 15,2% e de 46,1%, respectivamente, em relação a março de 2020. No acumulado do ano, o estado embarcou **698,5 toneladas**, com receitas de **US\$2,58 milhões**, quedas de 22,4% e 3,5%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de fortes altas ao longo do 2º semestre de 2020, a partir de dezembro observou-se predominância de movimentos de quedas nos preços dos suínos vivos na maioria dos estados produtores. Esse fenômeno é decorrente, principalmente, da retração nas exportações e do consumo aquém do esperado nesse período. Embora essa tendência ainda seja predominante, nas primeiras semanas de abril observou-se uma desaceleração no ritmo de queda, bem como variações positivas em algumas praças, como demonstra a Figura 1. A perspectiva é de que se observem altas nos preços diários na maioria dos estados durante as próximas semanas, sendo possível que, ao final do mês, outros estados, além de Minas

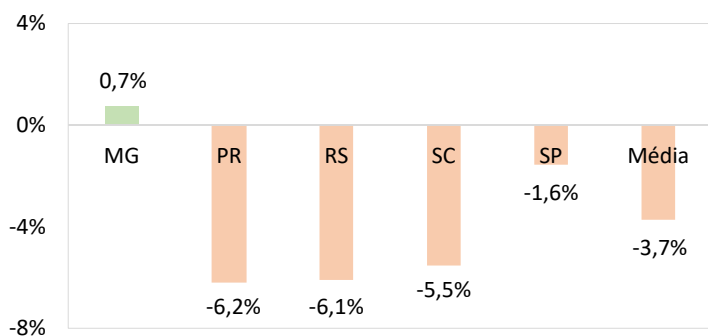


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (março/abril de 2021*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

gerais, passem a registrar variações positivas. Essa pequena melhoria é, em grande parte, decorrente do crescimento das exportações, como veremos adiante.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em abril de 2020, observam-se variações positivas em todos os estados analisados: 60,2% em Minas Gerais, 55,9% no Rio Grande do Sul, 52,8% em São Paulo, 50,3% no Paraná e 38,7% em Santa Catarina.

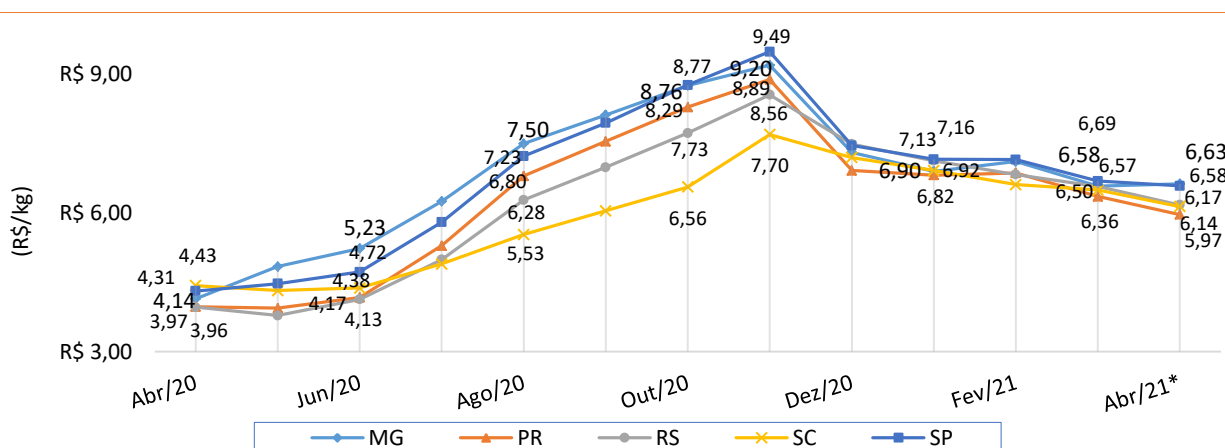


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

É importante lembrar que abril de 2020 foi um momento bastante crítico para a suinocultura, pois, com o início da pandemia e a adoção de medidas restritivas em diversos estados, o consumo de carne suína foi bastante afetado, o que acabou tendo impacto significativo sobre os preços ao produtor.

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, nas primeiras semanas de abril os preços mantiveram o movimento de queda predominante desde dezembro do ano passado. Em relação ao mês anterior, os valores preliminares de abril caíram 3,8% para os produtores independentes e 3,3% para os integrados. Na comparação com abril de 2020, registram-se altas em ambas as categorias de produtores: 35,6% para os independentes e 33,8% para os integrados. Não obstante serem variações significativas, são inferiores à elevação nos custos de produção observada no período, como veremos adiante.

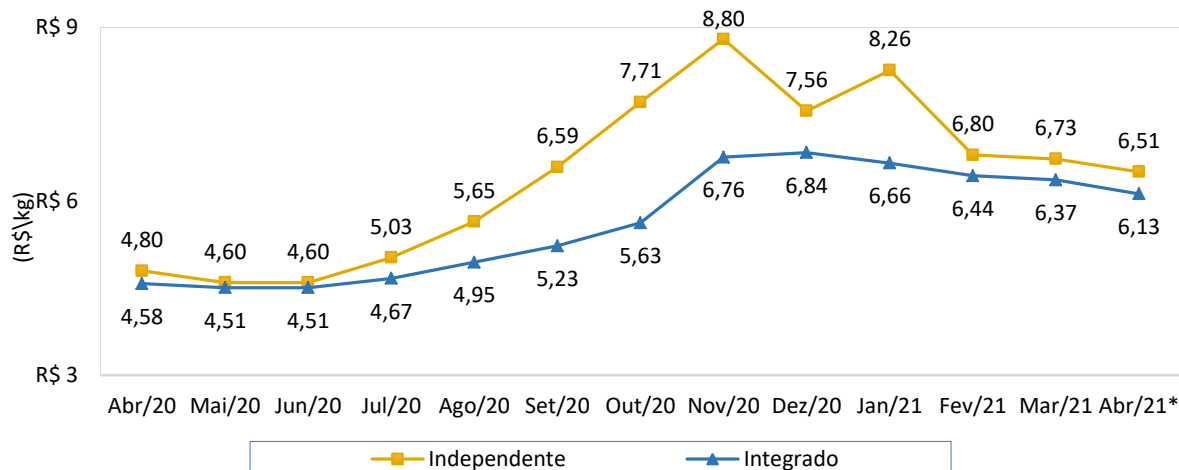


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

No período de 1 a 20 de abril, predominaram as variações negativas nos preços de atacado da carne suína em Santa Catarina: carcaça (-8,2%), pernil (-2,3%), costela (-1,7%) e lombo (-0,4%). Somente o carré apresentou variação positiva (1,1%). A variação média dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa foi de -2,3%. No ano, a queda acumulada pela carne suína no atacado é de 12,0%.

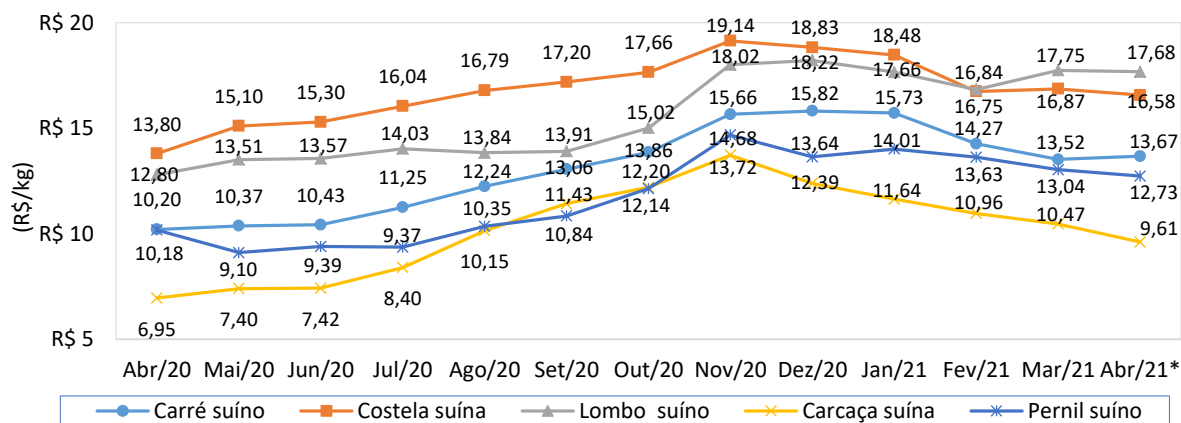


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Com as vendas de carne suína no mercado doméstico enfraquecidas, intensifica-se a pressão sobre os preços, ocasionando as variações negativas mencionadas anteriormente. As quedas não foram mais intensas em função da gradual recuperação dos embarques do produto para o mercado externo.

Há expectativa de que a nova rodada do auxílio emergencial promova aumento na demanda de carne suína, assim como ocorreu em 2020. Contudo, é necessário levar em consideração que o auxílio terá valor menor, duração de apenas 3 meses e amplitude mais restrita do que no ano passado, o que reduz seus potenciais impactos sobre esse setor.

Quando se comparam os valores preliminares de abril e o mesmo mês de 2020, as variações são positivas em todos os cortes: carcaça (38,3%), lombo (38,1%), carré (34,0%), pernil (25,1%) e costela (20,1%). Em média, a alta foi de 31,1%.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina em março foi de R\$6,87/kg de peso vivo. O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) registrou pequena queda de 0,1% em março, em relação ao mês anterior. Contudo, nos últimos doze meses esse índice apresentou alta de 45,7%, impulsionada pela elevação dos custos com nutrição (39,7%). A alta acumulada no primeiro trimestre deste ano é de 4,8%.

Os preços dos leitões voltaram a apresentar quedas nas primeiras semanas de abril, quando comparados a março. Os leitões de 6 a 10kg registraram queda de 4,2%, enquanto o preço dos leitões de aproximadamente 22kg caiu 3,3%. Na comparação com as médias de abril de 2020, registram-se variações positivas em ambos os casos: 36,6% para os leitões de 6 a 10kg e 36,3% para os leitões de aproximadamente 22kg.

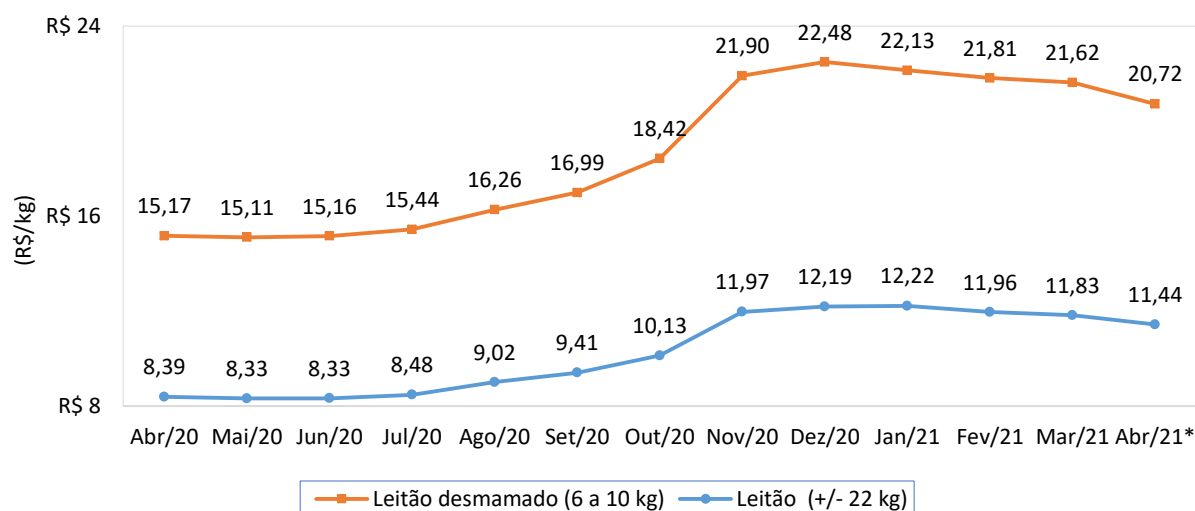


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de abril são preliminares, relativos ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

O cálculo da relação de equivalência insumo-produto referente às primeiras semanas de abril demonstra uma alta bastante expressiva em relação ao mês anterior: 15,3%. Essa variação deve-se à elevação no preço de atacado do milho na praça de Chapecó (11,2%), além da queda no preço do suíno vivo na mesma praça (-3,5%). O valor atual está 63,0% acima daquele registrado em abril de 2020. Os altos custos de produção são uma das principais preocupações do setor este ano, o que é agravado pelas oscilações negativas nos valores pagos ao produtor.

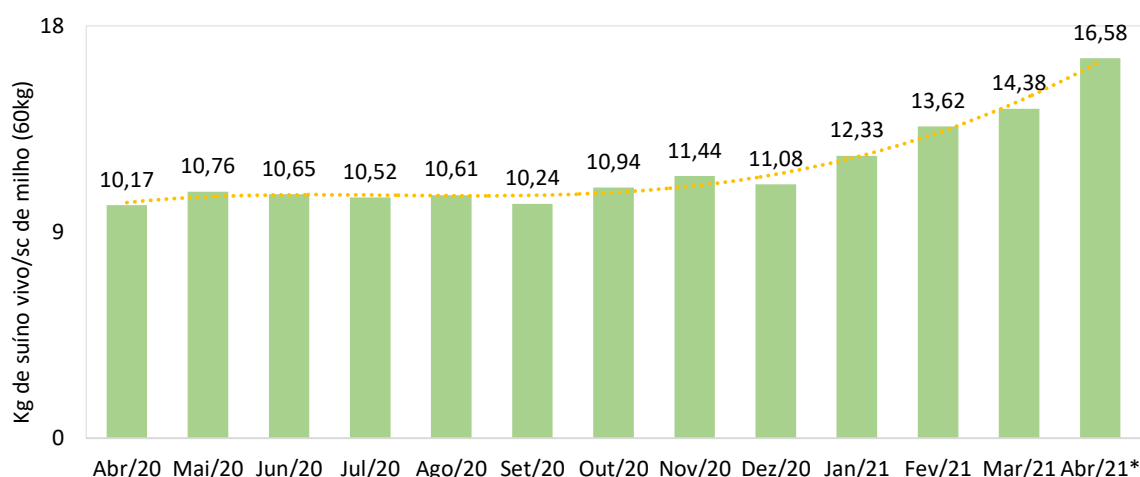


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* O valor de abril é preliminar, relativo ao período de 1 a 20/abr./2021.

Fonte: Epagri/Cepa.

Não obstante a perspectiva de melhoria nos preços ao produtor ao longo das próximas semanas, o cenário segue bastante desafiador, principalmente para os produtores independentes, já que o milho ainda encontra-se em movimento de alta, situação que deve apresentar alguma alteração somente em julho, com a colheita da safrinha (e, ainda assim, com quedas limitadas).

Comércio exterior

Em março, o Brasil exportou **107,64 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), alta de **34,7%** em relação ao mês anterior e **51,2%** acima da quantidade embarcada em março de 2020. As receitas foram de **US\$259,83 milhões**, crescimento de **41,0%** em relação ao mês anterior e de **57,4%** na comparação com março de 2020. Com isso, o país atingiu novo recorde de exportações mensais de carne suína, tanto em quantidade quanto em valor.

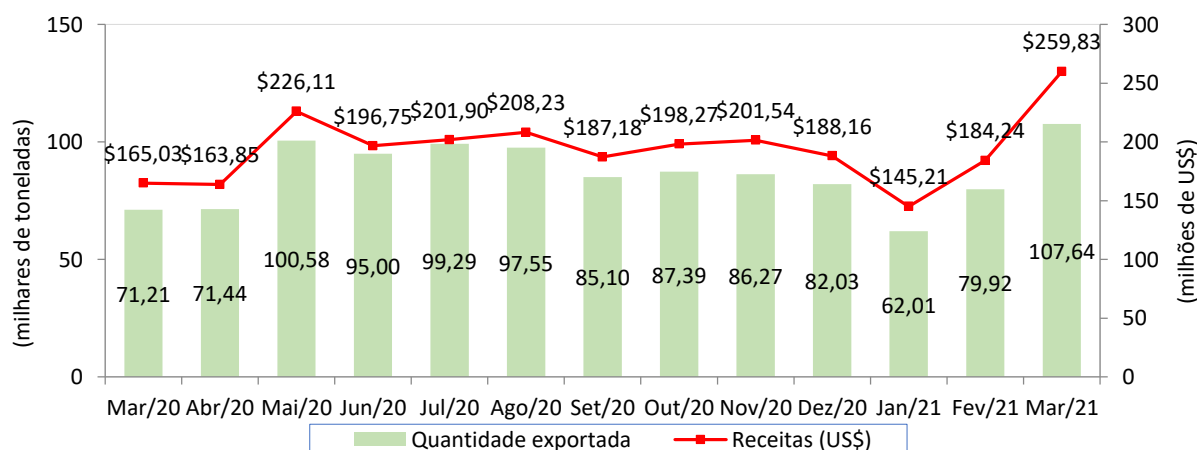


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Esperava-se uma retomada de embarques mais volumosos após as festividades do Ano Novo Lunar na China e, de fato, os números de março ficaram acima das expectativas da maioria dos analistas do setor. Em parte, isso se deve à ocorrência de novos casos de peste Suína na China ao longo dos últimos meses, o que provocou a elevação dos preços da carne suína naquele país e estimulou a ampliação das importações.

No 1º trimestre, o Brasil exportou **249,57 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$589,27 milhões**, altas de **21,5%** e **22,2%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em 2021 são China, Hong Kong, Chile, Singapura e Uruguai, responsáveis por 84,5% das receitas no período. China e Hong Kong respondem por 69,6% do total.

Santa Catarina exportou **55,68 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em março, alta de **36,6%** em relação ao mês anterior e de **47,9%** na comparação com março de 2020. As receitas, por sua vez, foram de **US\$138,39 milhões**, crescimento de **42,8%** em relação ao mês anterior e de **61,8%** na comparação com março de 2020. Esses valores representam novo recorde de exportações mensais de carne suína do estado, tanto em volume quanto em receitas.

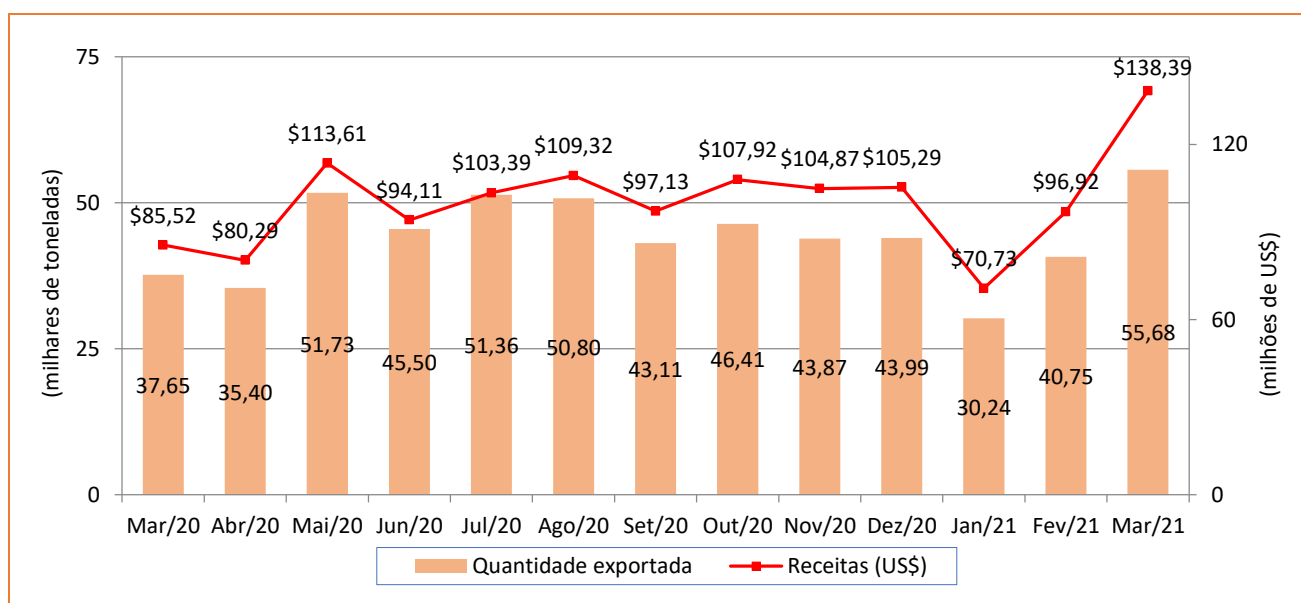


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em março foi de **US\$ 2.565/tonelada**, alta de **4,4%** em relação ao mês anterior e de **7,9%** na comparação com março de 2020.

No acumulado do 1º trimestre, o estado exportou **126,67 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$306,04 milhões**, altas de **13,9%** e **18,7%**, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2020. Santa Catarina respondeu por **51,9%** das receitas e **50,8%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil até o momento.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 88,5% das receitas do 1º trimestre. China e Hong Kong responderam por 69,6%.

Tabela 1: Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º trimestre/2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	195.211.177,00	79.321
Chile	36.602.074,00	15.002
Hong Kong	17.641.690,00	8.738
Argentina	11.178.588,00	3.849
Japão	10.121.596,00	2.423
Demais países	35.287.211,00	17.338
Total	306.042.336,00	126.671

Fonte: Comex Stat.

Em relação aos dez principais destinos da carne suína catarinense, quatro apresentaram variações negativas nas receitas do 1º trimestre em relação ao mesmo período de 2020, com destaque para Hong Kong (-38,2%). Por outro lado, dentre os países que apresentaram variação positiva, mais uma vez destacaram-se China (32,1%), Chile (71,9%) e Argentina (41,6%).

Peste suína africana

Em fins de março, agências de notícias divulgaram a ocorrência de novos focos de peste suína africana no norte da China, na província de Henan, a 3ª maior produtora de suínos do país. De acordo com as informações divulgadas, cerca de 20% do rebanho teria sido eliminado em função da doença. A informação ainda não foi confirmada pelo Ministério da Agricultura e Assuntos Agrários da China. O ministério reconhece a ocorrência de oito surtos de PSA ao longo do 1º trimestre, mas todos localizados no sul do país.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 12 de maio, o IBGE divulgará os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite¹⁰, em relação à quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil nos três primeiros meses de 2021. Esses dados permitirão analisar se o fraco movimento dos preços internos dos lácteos e dos preços recebidos pelos produtores nos primeiros meses do ano se explica apenas pela queda da demanda interna ou, adicionalmente, a oferta esteve acima dos níveis esperados. Mesmo sem esses primeiros números e sem saber qual será o comportamento da oferta ao longo do ano, a tendência é de que, em 2021 seja mais um ano de continuidade do “redesenho” da industrialização de leite no Brasil. Neste caso, os dois estados que mais se destacaram ao longo dos últimos anos foram o Paraná e Santa Catarina. Considerando as quantidades de leite adquiridas pelas indústrias inspecionadas em 2000 e 2020, as indústrias do Paraná tiveram crescimento de 267,9% na quantidade de leite adquirida e aumentaram de 7,8% para 13,6% a participação no total nacional. As indústrias de Santa Catarina tiveram crescimentos bem mais expressivos, a quantidade de leite adquirida aumentou 502,1% e a participação estadual no total nacional saltou de apenas 4,0%, em 2000, para 11,3%, em 2020 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas

UF	Milhões de litros				Var. %	Participação %	
	2000	2010	2019	2020	2000-20	2000	2020
Minas Gerais	3.330	5.606	6.285	6.509	95,5	27,5	25,5
Paraná	946	2.350	3.308	3.480	267,9	7,8	13,6
Rio Grande do Sul	1.557	2.978	3.255	3.317	113,0	12,9	13,0
Santa Catarina	479	1.580	2.761	2.884	502,1	4,0	11,3
São Paulo	2.133	2.316	2.786	2.728	27,9	17,6	10,7
Goiás	1.455	2.304	2.636	2.500	71,8	12,0	9,8
Rondônia	384	793	620	636	65,6	3,2	2,5
Bahia	252	381	462	565	124,2	2,1	2,2
Rio de Janeiro	438	315	524	507	15,8	3,6	2,0
Mato Grosso	185	511	506	480	159,5	1,5	1,9
Outras	949	1.842	1.868	1.922	102,5	7,8	7,5
Brasil	12.108	20.976	25.011	25.528	110,8	100	100

2020 – Dados preliminares.

Fonte: IBGE – Pesquisa Trimestral do Leite.

Importações

Apesar da perda de vigor nos anos mais recentes, esse grande crescimento da quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas brasileiras anos permitiu que houvesse uma expressiva redução

¹⁰ A Pesquisa Trimestral do Leite (PTL/IBGE) é a única fonte de informação sobre a quantidade de leite adquirida pelas indústrias de todas as unidades da federação e, consequentemente, do País. Nos anos recentes, o IBGE passou a divulgar os resultados trimestrais dessa pesquisa em dois momentos: primeiro são divulgados os “primeiros resultados” com números apenas de âmbito nacional e, cerca de um mês após, os dados das unidades da federação. Nesta oportunidade é corriqueiro haver mudanças nos números dos primeiros resultados de âmbito nacional.

nas importações brasileiras de lácteos ao longo dos anos. No ano 2000, por exemplo, as importações de lácteos equivaleram à 1,85 bilhão de litros de leite, representando 15,3% da quantidade de leite recebida pelas indústrias inspecionadas (12,1 bilhões de litros). Em 2020, as importações equivaleram à 1,44 bilhão de litros de leite, representando 5,6% da quantidade de leite recebida pelas indústrias inspecionadas (25,5 bilhões de litros). Mesmo com essa redução estrutural de dependência de leite importado para abastecer o mercado interno, bastam momentos de importações mais elevadas para se atribuir a elas eventuais problemas no mercado interno. Isto já havia perdido apelo com as quedas nas quantidades importadas em janeiro e fevereiro, o que voltou a se repetir no mês de março, quando a quantidade importada foi 36% menor que a de dezembro/20 (Tabela 2). Com as atuais condições de mercado interno, a perspectiva é de nova redução nas importações deste mês de abril.

Tabela 2. Lácteos – Importações brasileiras

Mês	Milhão de quilos					
	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Janeiro	8,378	18,960	8,366	13,649	10,583	17,825
Fevereiro	7,523	16,312	10,332	16,046	8,804	15,147
Março	16,859	15,467	9,029	10,689	9,384	14,350
Abril	21,185	13,536	11,965	10,864	5,997	
Maio	25,777	17,700	13,418	13,729	7,523	
Junho	25,191	17,338	11,077	10,954	8,421	
Julho	23,918	16,027	13,848	9,949	12,585	
Agosto	25,672	13,472	13,266	9,858	17,987	
Setembro	28,872	10,400	11,863	12,759	22,828	
Outubro	19,249	8,968	18,471	9,777	22,131	
Novembro	20,583	9,093	17,919	10,826	22,948	
Dezembro	19,360	9,057	10,285	10,235	22,436	
Total	242,6	166,3	149,8	139,3	171,6	

Fonte: Ministério da Economia – Comex Stat.

Preços

Depois das quedas de janeiro e fevereiro, o Conseleite/SC sinalizou uma pequena elevação no preço de referência projetado para março (Tabela 3).

Tabela 3. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	1,6020	5,3	30,5
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	1,5218	0,3	23,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	1,5574	8,5	20,0
Abril	1,1295	1,2185	1,3192		8,3	
Maio	1,1522	1,2535	1,3091		4,4	
Junho	1,3454	1,2036	1,5176		26,1	
Julho	1,4050	1,1560	1,5588		34,8	
Agosto	1,2997	1,1918	1,7288		45,1	
Setembro	1,2582	1,1767	1,7994		52,9	
Outubro	1,2351	1,1516	1,7075		48,3	
Novembro	1,1358	1,1779	1,6703		41,8	
Dezembro	1,1228	1,2227	1,7121		40,0	
Média anual	1,1793	1,1954	1,5068		26,1	

Março/2021: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Mesmo com essa pequena elevação sobre o preço de fevereiro, o preço projetado para março ficou muito aquém da expectativa dos agentes da cadeia produtiva, e abaixo do preço de janeiro deste ano. A reunião do Conleite/SC de abril está marcada para o dia 29, nela será estabelecido o preço final de março e projetado o preço de abril (que serve de base para o preço que os produtores receberão em maio pelo leite entregue para as indústrias em abril). Caso seja confirmado o preço final de março inferior ao de janeiro, esta será uma situação inédita em toda a história do Conleite/SC, desde 2007.

Os levantamentos da Epagri/Cepa indicam que os preços médios recebidos pelos produtores em abril (Tabela 4) seguiram a tendência de pequena alta indicada na reunião de março do Conleite/SC.

Tabela 4. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2018	2019	2020	2021	2018-19	2019-20
Janeiro	0,94	1,09	1,22	1,94	11,9	59,0
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	1,78	7,7	41,3
Março	0,96	1,25	1,29	1,71	3,2	32,6
Abril	1,01	1,27	1,28	1,76	0,8	37,5
Maio	1,09	1,32	1,19		-9,8	
Junho	1,14	1,32	1,31		-0,8	
Julho	1,30	1,23	1,50		22,0	
Agosto	1,35	1,19	1,66		39,5	
Setembro	1,31	1,21	1,87		54,5	
Outubro	1,28	1,21	1,95		61,2	
Novembro	1,24	1,19	1,92		61,3	
Dezembro	1,11	1,18	1,97		66,9	
Média anual	1,14	1,22	1,54		25,9	

⁽¹⁾Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.